

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**ASPETOS DA MORFOLOGIA E DA SINTAXE
DO OLUTYIPUNGU (R.13I)**

HILÁRIO SABONETE NAMBALO

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor Tjerk Hagemeyer e co-orientada pela Doutora Rita Margarida Gamito Gonçalves, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Linguística

2021

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**ASPETOS DA MORFOLOGIA E DA SINTAXE
DO OLUTYIPUNGU (R.13I)**

HILÁRIO SABONETE NAMBALO

DISSERTAÇÃO
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

2021

Índice

Agradecimentos	5
Abreviaturas	8
Índice de tabelas	9
Índice de figuras	9
Resumo	10
Abstract	11
1. Introdução	12
1.1. Objeto de estudo	12
1.2. Objetivos do estudo	12
1.3 Questões de Investigação	14
1.4 Metodologia	14
1.5 Estrutura do trabalho	15
2. Situação sociolinguística do olutyipungu	17
3. Estrutura morfológica do olutyipungu	24
3.1. Aspetos gerais	24
3.2. Morfologia nominal	25
3.3. Morfologia verbal do olutyipungu	48
4. Estruturas ditransitivas no olutyipungu	54
4.1 Introdução	54
4.2. Verbos de tipo ‘dar’ (<i>core dative verbs</i>)	55
4.2.1. Ordem de palavras	56
4.2.2. Pronominalização	62
4.2.3. Passivização	68
4.3 Verbos do tipo ‘enviar/atirar’ (<i>non-core datives</i>)	71
4.3.1. Ordem de palavras	72
4.3.2. Pronominalização	76
4.3.3. Passivização	80
4.4. Sumário	81
5. Considerações finais	84
5.1. Síntese dos resultados	84
5.2. Investigação futura	87
Referências bibliográficas	89

Dedicatória

A natureza é uma incerteza de sonhos

Sonhos dos que não regressam, mas moram eternamente em nós

Sonhos dos que deixaram o seu sorriso pregado em mim

Sonhos dos que acreditaram em mim, mesmo com incertezas

Apesar de me derreterem as lágrimas sofridas, ainda assim:

Dedico este trabalho a ti, minha filha, Etelvina Guilhermina Nambalo (em memória), que o destino me arrancou prematuramente;

A ti, meu mano Arlindo Tchalimua Nambalo que não vejo há tempos, que a guerra injusta te ocultou de mim, infinitas saudades;

A ti, meu tio Domingos Tyandikua (em memória), meu melhor colo que já perdi, que Deus Pai-Celestial cuide de ti;

A ti, minha querida irmã, Angelina Rafael (em memória), que me arrancas o coração em cada transe da vida, que Deus ta tenha;

A ti, meu tio Dungula Muholo (em memória), sem o teu sorriso, saudades;

A ti, minha mãe Nikola Sova (em memória), eternas saudades;

A ti, minha mãe Rosália Tembo (em memória), não sabe o quão me deixaste este vazio;

A vós melhores amigos, primo Zeferino Dumbo (em memória), primo Francisco Jamba (em memória), Teresa Tavares (em memória), que sempre acreditaram em mim, mesmo sem assistir à minha vitória académica;

A ti, meu amigo, pai e meu sogro Ernesto Custódio (em memória), meu braço direito, estarás eternamente em mim, eternas saudades;

A ti, tia Verônica (em memória), minha mãe que ganhei no Xangongo, que saudades;

Apesar da vossa ausência natural, continuam vivos em mim.

Aos que doaram a sua vida em prol da ciência.

Agradecimentos

O recomeço de uma vida é uma aventura circundada de riscos, sendo que a sua maior certeza é que tudo tem o certo fim. Foram noites de lutas e buscas incessantes, foram noites de incertezas e certezas, num universo de saberes consolidados, saberes que nos deram novas descobertas para que esse projeto ganhasse forma.

Nesta odisseia científica, tenho a agradecer a Deus pela vida e saúde, pois sem Ele nada teria feito.

Aos meus orientadores, Professor Tjerk Hagemeijer e Professora Rita Gonçalves, verdadeiros pais académicos, pelo rigor científico e pela aprendizagem neste mundo da investigação e por ajudarem a tornar este sonho realidade.

Ao professor Tjerk Hagemeijer, agradeço por ser o mentor deste desafio, mesmo nos momentos de maior dificuldade, pela confiança que depositou em mim, partilhando experiência, discutindo convenções científicas, mesmo que a vida me tivesse colocado vários obstáculos.

À professora Rita Gonçalves, pela incansável paciência de me orientar, coração maternal, e muitas vezes o verdadeiro consolo de mãe; o meu muito obrigado.

À Comissão Multisectorial para a Ratificação do Acordo Ortográfico pelo desafio que me propôs;

Ao Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudo do Governo de Angola pelo apoio financeiro durante os 3 anos de formação;

À Dra. Paula Henriques pelo apoio moral nos momentos que a minha resiliência se diluía na pressão académica;

Ao Gabinete Provincial da Educação do Cunene pela colaboração de modo a tornar este sonho em realidade;

Ao Gabinete Municipal da Educação de Ombadja-Cunene;

Aos meus professores Fernando Brissos, Ernestina Carrilho, Ana Maria Martins, Gabriela Matos, Sónia Frota, Esperança Cardeira, Sandra Pereira, Telmo Mória, Anabela Gonçalves, Madalena Colaço, pela partilha de conhecimentos que me formataram para esta peleja científica;

Aos meus pais, Tyalimua Nambalo e Guilhermina Relógio, meu chão seguro, meu mundo, pela projeção académica que me proporcionaram, mesmo sem certeza que atrás do embrião viria um vulcão académico;

Ao meu tio Domingos Tyandikua Faz-Tudo (em memória), que no seu jeito de conselheiro sempre impulsionou em mim a força de lutar;

À minha esposa Delfina Cuyela Ernesto, minha heroína, minha força e aos meus filhos meus heróis, meus amores: Hereclaudes Arlindo Nambalo, Helmira Nangombe Nambalo, Hélivio Cáltime Nambalo, Herlander Tchalimua Nambalo, Hégira Cahali Nambalo, Hildivina Dionísia Nambalo, Heldário Custódio Nambalo, à minha filha e cunhada Julieta Lussaty Nunda por me terem aturado, e entenderem a minha luta, quando vos privei do carinho de pai que vos teria dado no momento que choraram por minha ausência;

A ti, Dr. António Kalei Tchandikua Palaia “Santos”, talvez a minha gratidão seja ínfima nesta página, mais que um irmão, um colega, um camarada, és um herói para mim;

A ti, Dr. José Evaristo Kondja, meu compatriota, camarada, irmão companheiro, muitas vezes, fui mesmo chato, mas senti apenas o teu grande coração, o meu muito obrigado

Ao Dr. Leonardo Pedro Tuyeikumue, leal-irmão; Dr. Mário Vicomo Afonso, Dra. Joana Bambi, Dra. Marina Rafael e Dra. Amélia Francisco - meus guerreiros de sempre, o meu muito obrigado;

Ao Francisco Macedo-pela paciência incondicional, o meu muito obrigado;

À mamã Pastora Idalina Sitandela, à irmã Lourdes David, irmã Clementina Marques, ao irmão Necas, ao engenheiro Moisés Figueira;

Aos meus irmãos, pelo amor incentivo constante, o meu muito obrigado;

À vossa majestade Kalunda Gomes (em memória), pela entrevista que concedeu na recolha de dados;

Ao tio Dr. António Ngula Chivinga, pela disponibilidade que teve na recolha de dados do olutyipungu, e por um dia ter acreditado em mim e dando-me este desafio académico, o meu muito obrigado;

Aos Drs. Domingos Dias e Leolindo Chiela, pelo apoio moral;

Ao ev. Joaquim Neto, ao engenheiro Tomás Nahenda Mungolo, ao Dr. Gervásio Hangula, ao Dr. Toivo Haipange, ao meu irmão “Candengue” Júlio, ao Evaristo Mateus J. Tavares, ao Kuliaquita Manuel “Abreu”, à minha mamã sogra Dionísia Feliciano pelo apoio moral no momento da luta;

Aos meus irmãos, pelo apoio moral, às vezes desabafava do meu jeito, sendo que a minha resiliência diluía as minhas lágrimas, o meu muito obrigado;

Ao prof. Belchior Soma Tomás, irmão na fé, o meu muito obrigado.

Aos meus tios Avelino Abel e José Cavalo, meus conselheiros, o meu muito obrigado;

Aos Drs. Lúcio Ndinoiti e Soraya Teresa de Jesus Mateus, por terem aceitado que esse projeto fosse um desafio nacional, o meu muito obrigado;

Ao casal José Kalenga, meu lar, meus pais, o meu muito obrigado;

Na verdade, sou obra de muita moldura humana, e se calhar serei um menos agradecido, sendo que a lista é longa, e este infinito contributo que deram para mim, é a dimensão do meu mundo. Por esta infinitude, tenho a dizer, meu muito obrigado.

“NAPANDULA”

Abreviaturas

APL – Aplicativo
AUM – Prefixo de aumento
CAUS – Extensão causativa
CDO – Construção de duplo objeto
CDP – Construção ditransitiva preposicionada
CS – Concordância de sujeito
EXT – Extensão verbal
FUT – Futuro
IO – Índice de objeto
LOC – Locativo
MO – Morfema de objeto
MS – Morfema de sujeito
N – Nome
NEG – Negação
PASS – Extensão passiva
PF – Sufixo pós-final
PREP – Preposição
PRF – Perfectivo
PSD – Passado
RDEM – Radical demonstrativo
TMA – Tempo-modo-aspeto
VF – Vogal final

Índice de tabelas

Tabela 1 – Prefixos de classe nominal em olunyaneka e em olutyipungu.	28
Tabela 2 – Emparelhamento dos prefixos de classe nominal (singular e plural).	32
Tabela 3 – Prefixos de classe nominal do olutyipungu e respetivos campos semânticos.	34
Tabela 4 – Morfemas de concordância de sujeito e de objeto no olutyipungu.	52
Tabela 5 – Distribuição dos verbos por variável gramatical.	83

Índice de figuras

Figura 1 - Divisão administrativa da província da Huíla.	17
Figura 2 – Mapas dos grupos etnolinguísticos de Angola	18
Figura 3 – Divisão administrativa do município de Quipungo.	19

Resumo

A presente dissertação constitui um estudo pioneiro sobre aspetos da morfologia e da sintaxe do olutyipungu, uma língua bantu do grupo etnolinguístico nyaneka-nkhumbi (Estermann 1960; Redinha 1974).

No capítulo 2, situamos o olutyipungu no quadro geográfico e sociolinguístico de Angola. Trata-se de um subgrupo da variedade olunyaneka (nhaneca), segundo Estermann (1960), e do olunkhumbi, de acordo com Redinha (1974). No entanto, o grupo etnolinguístico não se revê necessariamente nesta classificação, o que se deve, em parte, à consciência das diferenças linguísticas existentes entre as variedades.

O capítulo 3 consiste numa descrição geral de aspetos da estrutura morfológica nominal e verbal do olutyipungu. A descrição e análise da morfologia dos nomes centra-se no sistema de classificação nominal, que é contrastado com o olunyaneka. Em relação à estrutura dos verbos, propõe-se um *template* para a morfologia flexional e derivacional com base nos dados da língua.

No capítulo 4, faz-se uma descrição das construções ditransitivas do olutyipungu, tendo por base a proposta de Rappaport-Hovav & Levin (2008) de que há duas classes de verbos dativos e de que as estratégias de realização desse argumento decorrem das propriedades semânticas dos verbos. De facto, é possível distinguir estas duas classes no olutyipungu. Analisamos um conjunto de verbos do tipo ‘dar’ (*core dative verbs*) e do tipo ‘enviar/atirar’ (*non-core dative verbs*), discutindo as (as)simetrias encontradas com base em propriedades como o tipo de estrutura (construção de duplo objeto e/ou construção ditransitiva preposicionada introduzida pelo marcador locativo *ku*), a animacidade dos objetos e o seu estatuto temático (por ex., Recipiente, Alvo e Locativo), a ordem linear dos objetos em função da estrutura informacional, a passivização e a pronominalização dos objetos através de prefixação à base verbal e cliticização.

Palavras-chave: línguas bantu; olutyipungu (R13D); olunyaneka (nhaneca); morfologia nominal e verbal; construções ditransitivas.

Abstract

This thesis presents a pioneering study of aspects of the morphology and syntax of olutyipungu, a Bantu language of the ethnolinguistic group nyaneka-nkhumbi, (Estermann 1960; Redinha 1974).

In chapter 2, we place olutyipungu within the geographical and sociolinguistic context of Angola. According to Estermann (1960), this variety represents a subgroup of the olunyaneka (nhaneca) variety, while according to Redinha (1974) it is part of olunkhumbi. However, the ethnolinguistic group is not necessarily in agreement with these classifications, which is in part due to the awareness of linguistic differences between varieties.

Chapter 3 consists of a general description of aspects of the nominal and verbal morphology of olutyipungu. The description and analysis of the nominal morphology focuses on the noun class system, which is contrasted with olunyaneka. With regard to the structure of the verb, a template is proposed for the flexional and derivational morphology based on the language data.

Chapter 4 describes ditransitive constructions in olutyipungu, based on the proposal Rappaport-Hovav & Levin (2008) that there are two classes of dative verbs and that the strategies to express this argument are derived from the semantic properties of verbs. It is indeed possible to distinguish these two classes in olutyipungu. The analysis focuses on a number of *core dative verbs* ('give'-type) and *non-core dative verbs* ('send/throw'-type) and the (as)symmetries identified according to several properties: the type of structure (double object construction and/or ditransitive prepositional construction), object animacy and their thematic role (e.g., Recipient, Goal, and Locative), word order of the objects according to information structure, passivization, and the pronominalization of objects by means of prefixation and cliticization.

Key words: Bantu languages; olutyipungu (R13I); olunyaneka; nominal and verbal morphology; ditransitive constructions.

1. Introdução

O presente trabalho constitui um estudo sobre aspetos da morfologia e da sintaxe da variedade olutyipungu do olunyaneka-nkhumbi, uma língua bantu do sul de Angola, com especial enfoque nas construções ditransitivas.

Neste capítulo introdutório apresentaremos o nosso objeto de estudo (1.1), os objetivos da investigação (1.2), as questões de investigação (1.3), a metodologia (1.4) e a estrutura do trabalho.

1.1. Objeto de estudo

O presente estudo sobre o olutyipungu tem como motivação a ameaça de extinção pela qual algumas línguas nativas africanas bantu de Angola passam, uma vez que estão em ‘desuso’ no seu campo socio-comunicativo, principalmente nas zonas urbanas, onde se verifica um crescente monolingüismo em português.

O olutyipungu (R13l, na classificação das línguas bantu) é uma variedade nativa pertencente ao grupo etnolingüístico olunyaneka-nkhumbi (Redinha 1974:279) do grupo bantu, sendo falada no município de Quipungo, situado na província de Huíla, no sul de Angola (cf. Cap. 2 para informações mais detalhadas). Trata-se de uma variedade autónoma que apresenta uma gramática distinta de outras variedades faladas na região, onde o olunyaneka (nhaneca) e o umbundu (umbundo) constituem as línguas de referência. Um falante de olutyipungu é, por isso, facilmente identificado no seio de falantes de outras (sub)variedades.

Uma vez que o olutyipungu ainda não foi objeto de estudos científicos, consideramos que a descrição lingüística de aspetos morfológicos e sintáticos do olutyipungu neste trabalho constitui um contributo para o estudo das variedades do grupo etnolingüístico olunyaneka-nkhumbi, que pode despertar futuros investigadores a explorarem este mosaico lingüístico.

1.2. Objetivos do estudo

O presente estudo descreve diversos aspetos morfossintáticos do olutyipungu, centrando-se especialmente nas construções ditransitivas com os verbos de tipo ‘dar’ (*core dative verbs*) e do tipo ‘enviar/atirar’ (*non-core dative verbs*), de acordo com a distinção entre classes de verbos dativos proposta por Rappaport-Hovav & Levin (2008).

Tal como as línguas bantu em geral, o olutyipungu é uma língua sintética aglutinante que apresenta, entre outras características, um sistema elaborado de classificação nominal e uma estrutura verbal morfologicamente complexa cujo núcleo, a raiz do verbo, agrega prefixos e sufixos flexionais e derivacionais.

Para compreender o funcionamento das construções ditransitivas, e tendo em conta a ausência de descrições do olutyipungu, propomo-nos descrever primeiro, e com algum detalhe, diferentes aspetos da morfologia nominal e verbal (cap. III), que serão, depois, retomados no capítulo 4 sobre as construções ditransitivas. Na parte sobre a morfologia nominal, assinalamos algumas diferenças entre o olutyipungu e o olunyaneka, que é a variedade de referência.

Centrando-nos exatamente no estudo das construções ditransitivas do olutyipungu, teremos em conta a distinção entre as duas classes de verbos proposta por Rappaport-Hovav & Levin (2008). Para as autoras, verbos do tipo ‘dar’, designados *core dative verbs*, apenas veiculam transferência de posse e, por isso, subcategorizam um Tema e um Recipiente, tipicamente [+ANIM] (cf. (1)). Por outro lado, verbos do tipo ‘enviar/atirar’, a que as autoras chamaram *non-core dative verbs*, envolvem transferência de posse e movimento, pelo que subcategorizam um Alvo [\pm ANIM] (cf. (2-3)) (e.g. Gonçalves 2016).

- (1) a. *Tyalimwa wa-ih-ã* **Katumbu** *ongombe*.
 Tyalimwa CS1.PSD-dar-VF Katumbu 9.boi
- b. *Tyalimwa wa-ih-ã* *ongombe* **Katumbu**.
 Tyalimwa CS1.PSD-dar-VF 9.boi Katumbu
 Ambas: ‘Tyalimwa deu um boi a Katumbu.’¹
- (2) a. *Tyalimwa wa-tum-if-a* **Katumbu/*oluii** *ongombe*.
 Tyalimwa CS1.PSD-enviar-CAUS-VF Katumbu/9.rio 9.boi
- b. *Tyalimwa wa-tum-if-a* *ongombe* **Katumbu/*oluii**
 Tyalimwa CS1.PSD-enviar-CAUS-VF 9.boi Katumbu/9.rio
 Ambas: Lit. ‘Tyalimwa enviou um boi a Katumbu.’

¹ Uma vez que as estruturas ditransitivas do olutyipungu apresentam diferenças tipológicas em relação ao português (europeu), optámos por incluir apenas a tradução da ordem canónica do português.

- (3) a. *Tyalimwa wa-tum-if-a* *ongombe ku Katumbu/k'oluii*
 Tyalimwa CS1.PSD-enviar-CAUS-VF 9.boi LOC K./LOC.9.rio
- b. *T. wa-tum-if-a* *ku Katumbu/k'oluii* *ongombe*
 T. CS1.PSD-enviar-CAUS-VF LOC Katumbu/LOC 9.rio 9.boi
- Ambas: Lit. 'Tyalimwa mandou/enviou um boi a Katumbu/ao rio.

Assim, propomo-nos neste trabalho verificar (i) que estrutura ou estruturas ditransitivas são usadas no olutyipungu, designadamente a construção de duplo objeto (CDO) e/ou a construção ditransitiva preposicionada (CDP); (ii) qual é a ordem linear dos constituintes – Tema-Recipiente / Recipiente-Tema e a sua relação com a estrutura informacional; (iii) qual o papel do tipo de verbo (*core dative* ou *non-core dative*) e da animacidade do Recipiente/Alvo na estrutura usada; (iv) qual é a ordem linear na estrutura da construção do duplo objeto (CDO) e da construção ditransitiva preposicionada (CDP) com a pronominalização; (v) que estrutura ou estruturas são usadas na CDO e CDP com a passivização.

1.3 Questões de Investigação

Tendo em conta os objetivos do trabalho, a presente pesquisa pretende responder às seguintes questões de investigação sobre as construções ditransitivas em olutyipungu:

- (i) que construções ditransitivas predominam no olutyipungu na expressão de Recipiente e Alvo/Locativo?
- (ii) qual o papel do tipo de verbo na seleção da construção (CDO e/ou CDP), tendo em conta a distinção entre *core* e *non-core dative verbs* (Rappaport-Hovav & Levin 2008)?

A resposta a estas questões permitir-nos-á verificar se o olutyipungu exhibe alternância dativa entre CDO e CDP e se o uso de determinada estrutura está dependente do tipo de verbo dativo (*core dative verb* vs. *non-core dative verb*).

1.4 Metodologia

Uma vez não existem trabalhos especificamente sobre o olutyipungu, a presente pesquisa baseia-se na consulta de estudos sobre o olunyaneka (Lang 1906, Kukanda 1986, Kambindangolo 2014), sobre a morfologia das línguas bantu (por ex. Ngunga &

Simbine 2012, Schadeberg 1990) e sobre construções ditransitivas (por ex. Brito 2014, Cumbane 2008, Gonçalves 2016).

Os dados do olutyipungu resultam, em primeiro lugar, da intuição linguística do autor, por ser falante nativo desta variedade. Também recolhemos e discutimos dados através da consulta a falantes nativos, adultos e jovens, via Facebook.

Quanto à escrita, e sendo o olutyipungu uma língua ágrafa, inspiramo-nos na ortografia de Lang (1906), sendo que o olutyipungu conserva muitos aspetos fonético-fonológicos do olunyaneka. Utilizamos, entre outros, as seguintes convenções gráficas:

- (i) as consoantes , <d>, <g> e <j> são nasalizadas, obtendo assim o formato ortográfico <mb>, <nd>, <ng> e <nj>;
- (ii) o <h> é aspirado, quando é seguido de uma vogal;
- (iii) na formação de grupos consonânticos complexos, o <h> aspirado também é determinante no caso da escrita de palavras que apresentam as consoantes pré-nasalizadas <p, t, k>, isto é, [ʰp], [ʰt], [ʰk];
- (iv) as semivogais <i> e <u> passam a <y> e <w> respetivamente, quando seguidas de uma vogal;
- (v) as consoantes <c> e <s> passam a <x>;
- (vi) as consoantes <r> e <q> passam a <l> e <k>, respetivamente;
- (vii) os dígrafos <rr>, <nh> passam a <ll> e <ny>;
- (viii) a inserção da letra <ñ>, para dar conta da palavra *oñaña* ‘bebé’.

Apesar de o olutyipungu ser uma língua tonal, tal como a maioria das línguas do grupo bantu, neste trabalho não representamos os tons.

1.5 Estrutura do trabalho

O presente trabalho está estruturado em cinco capítulos. Nesta introdução, apresentámos, sumariamente, o objeto de estudo, os objetivos e as questões de investigação, bem como a metodologia e a respetiva estrutura do trabalho. No segundo capítulo, tratamos da situação sociolinguística da variedade olutyipungu. No terceiro capítulo, fazemos uma descrição da estrutura morfológica dos nomes e dos verbos do olutyipungu, incluindo aspetos comparativos com o olunyaneka. No quarto capítulo, tratamos das construções ditransitivas do olutyipungu, começando por distinguir as classes de verbos, de acordo com a estratégia de realização do Recipiente: CDO e/ou

CDP. Exploramos ainda a ordem canónica das palavras e a relação com a estrutura informacional, a pronominalização e a passivização dos objetos. Por fim, no quinto e último capítulo, apresentaremos as conclusões do estudo e algumas propostas de trabalho futuro.

2. Situação sociolinguística do olutyipungu

O município de Quipungo, o berço do olutyipungu, situa-se na província da Huíla, fazendo fronteira com o município da Cacula a norte, com o município da Matala a leste, com o município da Chibia a este e com o município dos Gambos a sul, conforme o mapa apresentado na Figura 1.

Figura 1 - Divisão administrativa da província da Huíla



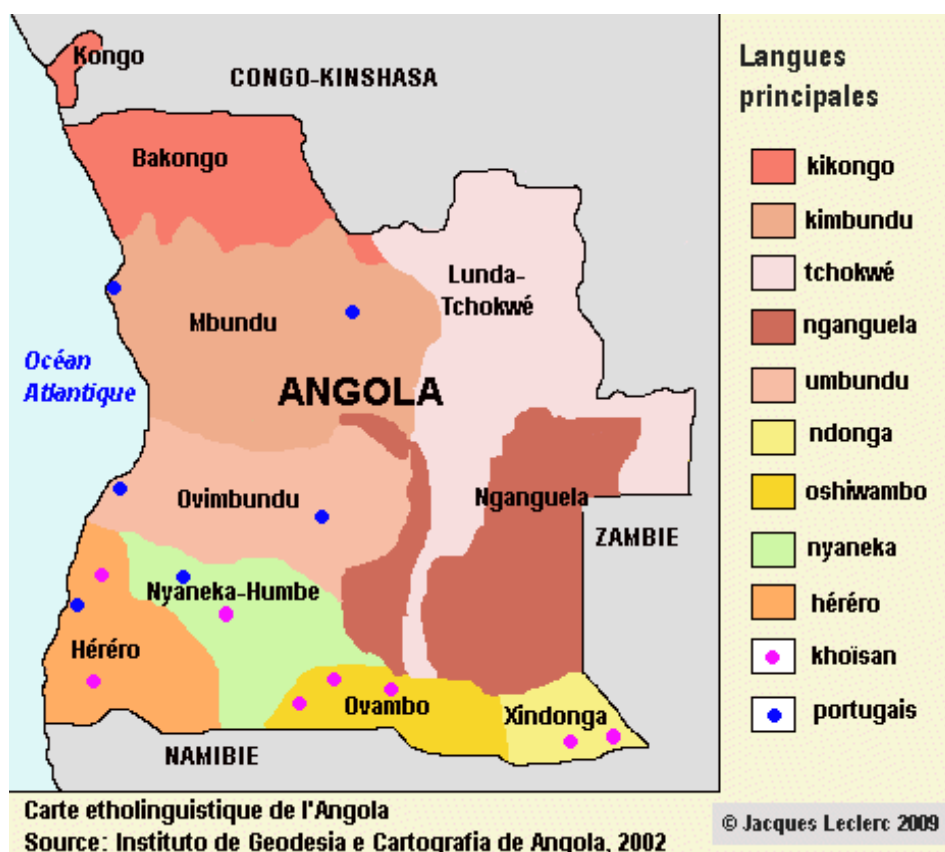
O grupo etnolinguístico predominante nesta província é o ovanyaneka²-nkhumbi³, segundo a classificação etnocultural de Lang (1906) e Redinha (1974). Esta caracterização etnocultural associada à sociolinguística fez com que as outras variedades que constituem o grupo etnolinguístico nyaneka-nkhumbi não fossem exploradas.

A seguir apresentamos o mapa etnolinguístico de Angola, onde vamos encontrar a divisão das regiões etnolinguísticas que compõem o mosaico das regiões de Angola. Contudo, as fronteiras etnolinguísticas não são rígidas, devido às migrações populacionais em certas regiões. E com esta migração o português também se afirma cada vez mais enquanto língua franca.

² Falantes da língua olunyaneka.

³ Ou humbi; a forma nkhumbi corresponde à pronúncia local.

Figura 2 – Mapas dos grupos etnolinguísticos de Angola.⁴



O olunyaneka é a variedade de maior extensão em detrimento de outras variedades do mesmo grupo etnolinguístico, fator que influenciou a designação do grupo etnolinguístico olunyaneka-nkhumbi. Contudo, cada município da província da Huíla apresenta determinadas particularidades sociolinguísticas em função de fatores sociohistóricos de cada grupo etnolinguístico. Além disso, por muito tempo, os casamentos eram feitos entre membros do mesmo grupo etnolinguístico, o que fez com que esta variedade preservasse as suas fronteiras linguísticas. Porém, atualmente, quando um membro de um grupo etnolinguístico diferente se casa com um omutyipungu e passa a integrar esta comunidade, tem de se assimilar linguisticamente ao olutyipungu.

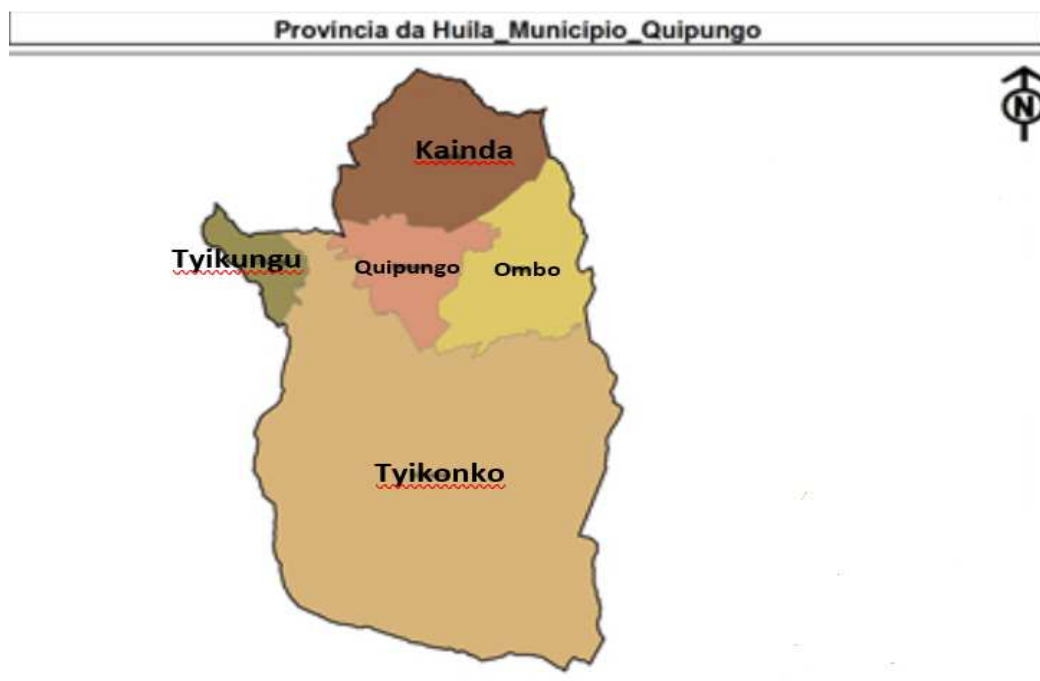
De acordo com o censo nacional feito em Angola em 2014, o município de Quipungo tem uma população estimada em 146.914 habitantes e é administrativamente composto por cinco comunas, conforme se pode ver na Figura 3⁵. Destas comunas,

⁴ Extraído de <http://www.axl.cefan.ulaval.ca/afrique/Angola.htm>

⁵ Adaptado do censo populacional de 2014

apenas a sede municipal Quipungo é oficialmente reconhecida pela administração geral do Estado angolano.

Figura 3 – Divisão administrativa do município de Quipungo.



Até 1940 os quipungos (*ovatyipungu*⁶) não passavam dos 30.000. De lá para cá, o crescimento desta população deixou de ser registado. Acredita-se que em 1940 esta variante do olunyaneka tinha uma população estimada de 40.000 falantes (cf. Estermann 1983: 25).

A variedade designada de olutyipungu é falada pelos nativos do município de Quipungo. A sua origem é objeto de debate entre historiadores, sociólogos e bantuístas, tais como, Estermann (1957), Redinha (1962) e Milheiros (1967). Ainda que não exista consenso, segundo fonte orais, a hipótese dominante é que se trata de uma variedade que surgiu da coabitação linguística entre uma família de um caçador *munkhumbi*⁷ – proveniente da província do Cunene, com uma família de um caçador *mungambwe*⁸ – proveniente do município de Gambos, que se instalaram na região. O nome *tyipungu* provém do nome *epungu* que significa ‘milho’ em português. O nome da localidade deveu-se ao abate de um elefante que havia ingerido muito milho. Os residentes das

⁶ Esta palavra é composta pelo prefixo de classe nominal 2, *ova-*, tipicamente usado para seres humanos no plural, e pelo radical do nome *-tyipungu*.

⁷ Falante da língua nkumbi ou olunkumbi.

⁸ Falante da língua ngambwe ou olungambwe.

zonas circunvizinhas quando referiam de onde vinham ou para onde iam, diziam sempre que vinham do *Tyipungu* ou iam para *Tyipungu*, o local onde havia muito milho. A convivência das duas famílias das diferentes línguas deu origem a uma língua que não era olungambwe nem tão pouco era olunkhumbi. A esta nova língua deu-se o nome de olutyipungu e aos falantes desta mesma língua *ovatyipungu*⁹.

Mais tarde, esta zona passou a chamar-se Paiva Couceiro, em homenagem a este oficial português que participou em várias campanhas de pacificação no interior de Angola entre 1889 e 1891. Foi Paiva Couceiro que elevou o município de Quipungo à categoria de vila em 15 de setembro de 1901. No entanto, com a independência do país, voltou a recuperar-se o nome anterior, *Tyipungu*, termo que se aportuguesou para Quipungo. De acordo com as fontes orais, os falantes desta zona, os referidos *ovatyipungu*, eram tidos como “crioulos” ou *kimbalis*, pois derivam do cruzamento das duas variedades linguísticas olungambwe e olunkhumbi.

A delimitação geolinguística do olutyipungu não é uma questão pacífica, devido à dispersão demográfica da população, motivada por fatores socioculturais e socioeconómicos, sendo possível encontrar falantes nas localidades circunvizinhas, tais como os municípios da Matala, Cacula, Lubango, e nas províncias do Namibe e Cunene, sem prejuízo do êxodo populacional que se verificou no momento pós-guerra, sobretudo com destino a Luanda, cidade capital do país.

De acordo com Kambindangolo (2014: 13-14), o olutyipungu é uma variedade falada na sede do município de Quipungo, na região do Sêndi, Ombo e Malipi; além disso, Estermann (1960) menciona também a região de Olivença.

Todavia, no nosso entender, os dados estatísticos apresentados pelo censo 2014 não detalham suficientemente o mosaico sociolinguístico constituído pelos diferentes grupos etnolinguísticos de Angola. É o caso do grupo etnolinguístico nyaneka-nkhumbi, no qual não se faz menção ao número de falantes de olutyipungu, para além de não terem sido contempladas outras variedades. De acordo com Redinha (1974: 279), pertencem à família etnolinguística olunyaneka-nkhumbi as seguintes variedades:

- olumwila, falada normalmente nos municípios da Humpata e do Lubango, província da Huíla;

⁹ Nome que se dá aos cultivadores e/ou produtores de milho.

- olungambue, falada no município do Gambos, na província da Huíla, e a norte do município da Cahama, província do Cunene;
- olunkhumbi, falada a oeste do município da Matala, na província da Huíla, e a norte do município de Ombadja, na província do Cunene;
- olutyipungu, falada no município de Quipungo, na província da Huíla;
- oluhanda falada a norte do município de Quipungo, na província da Huíla, e a norte do município do Cuvelai, província do Cunene;
- olutyilenge-nkhumbi e olutyilenge-muso, as duas variedades faladas no município de Quilengues, na província da Huíla;
- olunyaneka, falada nos municípios da Chibia, do Lubango, e a oeste do município de Quipungo;
- olundongwena, falada a margem direita do rio Cunene, do sul para o norte da comuna do Humbe, município do Ombadja, na província do Cunene;
- oluhinga, falada a margem esquerda do rio Cunene, a sul do município do Ombadja, na província do Cunene, fazendo fronteira com a Namíbia;
- konkhwankhwa, muhimba, faladas no município da Cahama, a nordeste da província do Cunene, que se alonga até ao município do Curoca, na província do Cunene.

O Quipungo é um município fortemente multicultural. Além das variedades linguísticas referidas anteriormente, o olutyipungu coabita ainda com outras variedades de línguas bantu de Angola, tais como o umbundu, o nganguela, o tchokue e ainda o !kung (uma língua não bantu que apresenta estalidos), que são faladas nas regiões circunvizinhas do município ou mesmo dentro do município.

Estermann (1983: 46) estabeleceu uma escala cronológica linguística das variedades que constituem o grupo nyaneka-nkhumbi, na qual o autor aponta o olutyipungu como a segunda língua mais antiga que compõe este grupo etnolinguístico depois do olunyaneka. No entanto, na classificação dos grupos etnolinguísticos de povos bantu de Angola, o olutyipungu foi integrado no grupo olunyaneka-nkhumbi, o que resultou na descrição deste em detrimento daquele. Aliás, outras variedades pertencentes a este grupo também não foram ainda estudadas.

Existe pouco consenso sobre a dialetização do grupo etnolinguístico olunyaneka-nkhumbi, mas tanto as variedades escritas quanto as ágrafas continuam a ser usadas e a desempenhar o seu papel social.

O olutyipungu é uma típica língua bantu com uma estrutura que se assemelha lexical e gramaticalmente à do umbundu, do olunkhumbi, do olunyaneka e do olungambwe. Esta proximidade, por exemplo a nível do léxico, da fonologia e dos prefixos de classe nominal, decorre da migração e do contacto de línguas que se tem verificado entre povos desta região, bem como da assimilação da literatura escrita em umbundu, oriunda das igrejas evangélicas, que predominam nesta comunidade.

Autores como Estermann (1960), Lang (1906) e da Silva (1911) associam a variedade olutyipungu à variedade olunyaneka ou ainda ao grupo etnolinguístico olunkhumbi. Para estes autores, o olutyipungu é um dialeto da família etnolinguística olunyaneka-nkhumbi, não se registando, na sua opinião, diferenças entre o olutyipungu e olunkhumbi¹⁰. No entanto, no nosso trabalho consideramos o olutyipungu uma língua autónoma, apesar das grandes semelhanças com as línguas à sua volta.

O olutyipungu é uma variedade até aqui ágrafa, pois a sua escrita ainda não foi estabelecida. Assim, a sua grafia tem como base a ortografia do olunyaneka, inspirada numa das nove primeiras obras publicadas por Lang (1906). De facto, um *omutyipungu* é um falante de olutyipungu, e não um falante das duas variedades (olunyaneka e olunkhumbi). Há um elevado grau de inteligibilidade mútua entre as línguas do mesmo grupo etnolinguístico, por isso, tanto o falante do umbundu como o falante do olunyaneka e do olunkhumbi conseguem comunicar com um falante de língua olutyipungu. Esta partilha linguística consolidou-se devido aos continuados cruzamentos etnoculturais.

A classificação etnolinguística feita por Estermann (1960) e Redinha (1974) não é consensual, pois muitos falantes do olutyipungu não se revêem num destes grupos referidos anteriormente. Não obstante a partilha do espaço geográfico, há diferenças culturais. Ainda assim, hoje em dia, por imposição de uma norma literária olunyaneka-nkhumbi, muitos falantes nativos, mesmo que não se revejam nesta classificação, anuem a designação olunyaneka-nkhumbi. Na verdade, a partilha histórica do mesmo espaço geográfico entre os falantes do olutyipungu e os falantes das diferentes variedades contribuiu para o enriquecimento do léxico desta língua. Contudo, nunca, até aos dias de hoje, se verificou um processo de subordinação linguística.

Apesar da existência de estudos classificatórios das línguas bantu, como os de Guthrie (1967-1971), que é baseado, sobretudo, em critérios geográficos, e os de

¹⁰ Nkhumbi é o grupo etnolinguístico, portanto, o olunkhumbi refere-se à língua falada pelos nativos do nkhumbi.

Grimes (1996) e de Bastin, Caupez & Mann (1999), que pretendem fornecer uma classificação baseada em critérios genéticos (cf. d'Andrade 2007: 35-36), estes não são consensuais do ponto de vista etnocultural e/ou linguístico pois não contemplam toda a variação. Em particular, não está ainda definido o estatuto classificatório do olutyipungu. D'Andrade (2007: 59), citando Fernandes & Ntondo (2001), enquadra o olutyipungu nas variantes do olunyaneka.

No capítulo seguinte, faremos uma descrição de aspetos da morfologia nominal e verbal da variedade em estudo, mostrando, em alguns momentos, que, apesar de pertencerem à família etnolinguística olunyaneka-nkumbi, o olutyipungu e o olunyaneka exibem diferenças morfossintáticas.

3. Estrutura morfológica do olutyipungu

3.1. Aspetos gerais

As línguas bantu são conhecidas por apresentar, em geral, morfologia nominal e verbal rica e pertencer, tipologicamente, às línguas sintéticas aglutinantes. Santiago (2013: 28) refere que são “línguas aglutinantes aquelas onde a maioria das palavras são formadas pela aglutinação de morfemas, e cada morfema representa uma unidade significativa, para determinar por ex.: os substantivos, o género, o diminutivo, plural, verbos, etc., ou seja, os afixos unem-se à raiz, porém mantendo a identidade fonológica dos morfemas.”

Nas línguas bantu, os nomes hospedam prefixos, que os caracterizam do ponto de vista do género de classe dos nomes. Estes afixos prefixais que se associam aos nomes são designados de prefixos de classe nominal, sendo que no olutyipungu são tipicamente precedidos por um aumento (isto é, um prefixo de aumento), o qual será apresentado na secção 3.2. Na estrutura verbal das línguas bantu, por outro lado, observa-se um conjunto de afixos flexionais e derivacionais que se aglutinam ao radical verbal e que serão objeto de análise na secção 3.3. Tal como nas demais línguas bantu, no olutyipungu, entre o sujeito e o verbo existe uma relação de concordância, que é despoletada pela classe nominal do nome.

Em (4) apresenta-se uma frase simples do olutyipungu, que ilustra o uso dos prefixos nesta língua. Assim, no nome observa-se o radical nominal *-lume-*, um morfema preso, que contém o significado lexical e precisa que lhe seja associado o morfema composto da classe 1 *o-mu-*, composto pelo prefixo de aumento (AUM) *o-* e o prefixo nominal da classe 1 *mu-*. Este prefixo nominal tipicamente seleciona o prefixo de concordância do sujeito (CS) *u-*, que se encontra prefixado ao radical do verbo *popy*, o qual, por sua vez, é seguido da vogal final (VF) *-a*. Neste caso, o prefixo de concordância do sujeito passa a assumir a forma *w-* devido a uma regra de semivocalização diante da vogal *-a-* que representa o tempo passado. Estes processos de semivocalização e outros processos morfofonológicos são recorrentes no olutyipungu, porém não constituem o objeto de estudo desta tese.

- (4) *O-mu-lume wa-popy-a.*
AUM-1-homem CS1.PSD-falar-VF
'O homem falou.'

As estruturas nominal e verbal do olutyipungu serão detalhadas, respetivamente, nas secções 3.2. e 3.3.

3.2. Morfologia nominal

O olutyipungu apresenta uma estrutura nominal que envolve prefixos de classe nominal que caracterizam os nomes e determinam o seu género.¹¹

De acordo com d'Andrade (2007: 111), “a estrutura morfológica dos nomes, nas línguas bantu, consiste no radical precedido do prefixo de classe a que o nome pertence. Quando o nome não é primitivo, isto é, deriva de outro ou de um verbo, para além do prefixo há, muitas vezes, modificações da vogal final.” Nas palavras de Ngunga & Simbine (2012: 91), em changana, uma língua de Moçambique, “[n]os nomes podem distinguir-se duas partes, a saber: um prefixo variável em função da classe e um tema.” Esta variação prefixal é o que determina a caracterização do género da classe nominal dos substantivos das línguas bantu. De resto, como refere Katamba (2003: 104), “[n]oun classification has always occupied a central place in Bantu linguistics. The earliest study of noun classes was by Brusciotto (1659) who, in his grammar of Kongo H16, classified nouns on the basis of their concords - especially those appearing in possessive constructions (cf. Doke 1960)”. A partir dos primeiros trabalhos, deu-se o início investigativo dos prefixos nominais das línguas bantu, que culminou com a sua distribuição por classe nominais e por géneros e com a reconstituição das classes nominais do protobantu.

Santiago (2020: 33, nota de rodapé 14) refere que:

“As classes nominais nas línguas bantu são classes de concordância que se manifestam, geralmente por meio de afixos classificadores, que são significantes descontínuos constituídos por prefixos nominais substantivais (PN), prefixos nominais adjetivais (PA), prefixos pronominais (PP), prefixos verbais (PV) e infixos verbais (IN), prefixos numerais e conectores. Para identificar a classe à qual pertence um substantivo nas línguas bantu, é preciso considerar o seu prefixo nominal e os eventuais prefixos adjetivais, prefixos pronominais, prefixos verbais e infixos nominais, por meio dos quais os pronomes, os adjetivos e os verbos concordam com o seu substantivo.”

¹¹ Nas línguas bantu, o conceito de género refere-se aos pares singular/plural de classes nominais que desencadeiam padrões de concordância idênticos. Por exemplo, a classe 1 e 2, correspondentes geralmente a seres humanos no singular e no plural, constituem um género. Todos os nomes que integram esta classe despoletam o mesmo padrão de concordância com, por exemplo, demonstrativos, numerais e o marcador de sujeito no verbo (no caso de os nomes funcionarem como sujeitos).

Como mostraremos em seguida, no olutyipungu, tal como noutras línguas bantu, o nome está estruturado de acordo com o prefixo de classe nominal a que pertence, o qual determina também o seu número. O tema, ou radical nominal, determina, como veremos, o valor lexical do nome.

	Singular	Plural
(5)	<i>ekumbi</i>	<i>omakumbi</i>
	5.sol	6.sol
	‘sol’	‘sóis’

Em (5), o prefixo nominal do singular *e-* pertence à classe nominal 5 e marca o singular do nome ‘sol’; por sua vez, o prefixo nominal *oma-* pertence à classe nominal 6 e marca o plural do nome ‘sóis’. No olutyipungu (e noutras línguas bantu), a marca que distingue o nome quanto ao número é, pois, o prefixo de classe nominal. Os prefixos nominais são organizados num sistema de pares.

De acordo com Ngunga & Simbine (2012: 92) “o número de classes nominais nas diferentes línguas bantu varia entre 10 e 20”, embora haja algumas exceções. Katamba (2003: 108-109) refere o caso do ganda, que tem 21 classes nominais, e também raras línguas com poucas ou nenhuma classes nominais, nas zonas A e D propostas por Guthrie.

A literatura dá-nos conta de que as variedades da zona R13 e R14 que constituem o grupo etnolinguístico nyaneka-nkhumbi apresentam prefixos de classe nominal similares, mas não iguais. Jordan (2015:12-24) apresenta um estudo comparativo das variedades do nyaneka-nkhumbi e do otyiherero (herero), dando conta das semelhanças dos prefixos de classe nominal visíveis, inclusive a partilha de certos vocábulos, mas a realização apresenta variação entre línguas. Estas semelhanças prefixais de classe e a partilha de certos vocábulos foram um dos fatores de inclusão de determinadas variedades num certo grupo linguístico. No entanto, é necessário rever os fatores de identidade cultural e de variação linguística, pois podem ser determinantes no estabelecimento de variedades linguísticas (ou línguas) distintas, que até então eram simplesmente ignoradas. Além disso, a escassez da literatura tem dificultado a produção de estudos comparativos entre variedades de um determinado grupo etnolinguístico.

No grupo nyaneka-nkhumbi, não obstante a partilha do mesmo espaço geográfico, cada variedade assume-se como autónoma em função de fronteiras culturais

e linguísticas. Há diferenças visíveis entre o olutyipungu e o olunyaneka. Silva (1911: 6) refere isso na sua obra *Breve método da língua olunyaneka*, ao afirmar que “os dialectos do Quipungu e do Humbe pouco diferem do olunyaneka quanto às raízes das palavras, mas o mecanismo da língua é o mesmo”.

Nesta secção, faremos uma comparação dos prefixos de classe nominal do olutyipungu e do olunyaneka, duas variedades do mesmo grupo etnolinguístico, de modo a entendermos suas semelhanças e diferenças. Assumimos, nesta comparação, que a ortografia do olutyipungu obedece à escrita do olunyaneka.

Lang (1906: 14, *apud* d’Andrade 2007: 52) refere que o olunyaneka, variedade de referência no grupo etnolinguístico olunyaneka-nkhumbi, do qual faz parte o olutyipungu, apresenta 18 prefixos nominais, sendo 9 para o singular e 9 para o plural, e 3 outros que têm valor locativo. Porém, d’Andrade (2007: 52) faz notar a incongruência de Lang (1906) ao afirmar que o olunyaneka não apresenta 21 prefixos de classe nominal (incluindo os 3 prefixos locativos), visto que o prefixo *oma-*, da classe 6, forma o plural das classes nominais 5, 11, 13, 14 e 15. Além disso, os três prefixos locativos não têm plural. Em geral, concordamos com os prefixos nominais do olunyaneka apresentados por d’Andrade, notando, no entanto, que o prefixo da classe 13 é *otu-* e não *u-*.

Na Tabela 1 abaixo, apresentamos os prefixos de classe nominal do olunyaneka e do olutyipungu, resultado do nosso trabalho de pesquisa e de conhecimento como falante nativo, destacando, a negrito, as diferenças entre as duas variedades. Aos prefixos que antecedem obrigatoriamente outros prefixos da tabela, como *oka-* (classe 12) referimo-nos como pré-prefixos (e.g., Mchombo 2004). Optamos por incluir a vogal inicial *o-*, o chamado aumento, que precede a maioria dos prefixos na Tabela 1 (e.g., *omu-*), uma vez que é obrigatório em praticamente todos os contextos (mas cf. discussão mais à frente nesta secção).

Tabela 1 – Prefixos de classe nominal em olunyaneka e em olutyipungu.

Olunyaneka				Olutyipungu			
Singular		Plural		Singular		Plural	
1	<i>omu-</i>	2	<i>ova-</i>	1	<i>omu-</i>	2	<i>ova-</i>
1a.	∅	2a.	<i>ovo-</i>	1a.	∅	2a.	<i>ovo-</i>
3	<i>omu-</i>	4	<i>omi-</i>	3	<i>omu-</i>	8	<i>ovi-</i>
5	<i>e-</i>	6	<i>oma-</i>	5	<i>e-</i>	6	<i>oma-</i>
7	<i>otyi-</i>	8	<i>ovi-</i>	7	<i>otyi-</i>	8	<i>ovi-</i>
9	<i>o- ~ on-</i>	10	<i>ono-</i>	9	<i>o- ~ on-</i>	10	<i>ono-</i>
11	<i>olu-</i>	10/6	<i>ono-/oma-</i>	11	<i>olu-</i>	10/6	<i>ono-/oma-</i>
12	<i>oka-</i>	14	<i>ou-</i>	12	<i>oka-</i>		
13	<i>otu-</i>	6	<i>oma-</i>	13	<i>otu-</i>	6	<i>oma-</i>
14	<i>ou-</i>	6	<i>oma-</i>	14	<i>ou-</i>	6	<i>oma-</i>
15	<i>oku-</i>	6	<i>oma-</i>	15	<i>oku-</i>	6/ 8+(15)	<i>oma-/ovi- +(oku)</i>
16	<i>pu-</i>			16	<i>pu-</i>		
17	<i>ku-</i>			17	<i>ku-</i>		
18	<i>mu-</i>			18	<i>mu-</i>		

Em primeiro lugar, a tabela mostra que, na distribuição dos prefixos de classe nominal, o olunyaneka apresenta os seguintes prefixos e pré-prefixos de classe nominal:

- 9 para formar o singular (*omu-*, *omu-*, *e-*, *otyi-*, *o-/on-*, *olu-*, *otu-*, *ou-*, *oku-*), sem incluir o prefixo ∅ da classe 1a¹²;
- 6 para formar o plural (*ova-*, *ovo-*, *omi-*, *oma-*, *ovi-*, *ono-*); o prefixo do plural da classe 6 (*oma-*) também pode funcionar como pré-prefixo da classe 14 (*oma-ou-talala* > *omautalala* ‘frio’) e da classe 11 (*oma-olu-tu* > *omalutu* ‘corpo’);
- 1 pré-prefixo para formar o diminutivo dos nomes no singular (*oka-*) (*oka-omu-ti* > *okamuti* ‘árvorezinha’);
- 1 pré-prefixo que se usa para formar o diminutivo de todas as classes no plural (*ou-*), o qual funciona também como prefixo do singular da classe 14 (cf. alínea a)) (*ou-mi-ti* ‘árvorezinhas’);
- 3 locativos (*pu-*, *ku-*, *mu-*).

¹² Para uma brevíssima história da evolução da classificação nominal, ver Katamba (2003: 103-105).

Por sua vez o olutyipungu é uma variedade que apresenta os seguintes prefixos e pré-prefixos de classe nominal:

- a) 9 para o singular (*omu-*, *omu-*, *e-*, *otyi-*, *o-/on-*, *olu-*, *otu-*, *ou-*, *oku-*), sem incluir o prefixo \emptyset da classe 1a;
- b) 5 para o plural (*ova-*, *ovo-*, *ovi-*, *oma-*, *ono-*);
- c) 1 pré-prefixo de classe nominal para formar o diminutivo dos nomes de todas as classes, no singular e no plural (*oka-*) (*oka-omu-ti* > *okamuti* ‘árvorezinha’; *oka-ovi-ti* > *okaviti* ‘árvorezinhas’);
- d) 3 locativos (*pu-*, *ku-*, *mu-*).

Nas duas variedades, o prefixo de classe nominal 6 (*oma-*) é usado para formar o plural dos prefixos de classe nominal 5, 11, 13, 14 e 15, e, por isso, quando os prefixos de classe das variedades são contabilizados, este deve ser considerado como um único prefixo, o que se confirma pelos padrões de concordância que desencadeiam com o prefixo de concordância de sujeito na estrutura morfológica do verbo. Por outro lado, prefixos de singular aparentemente idênticos, nomeadamente *omu-* das classes 1 e 3, apresentam propriedades tonais distintos (*omù-* (cl. 1) vs. *omú-* (cl. 3)) e desencadeiam padrões de concordância distintos, o que demonstra inequivocamente que não se trata de formas meramente homófonas.

Além disso, e conforme ilustrado na tabela, as diferenças entre as duas variedades a nível dos prefixos de classe nominal são as seguintes:

- a) o olunyaneka realiza o plural do prefixo nominal da classe 3 (*omu-*) com o prefixo nominal da classe 4 (*omi-*); no olutyipungu, o plural do prefixo nominal da classe 3 (*omu-*) realiza-se com o prefixo nominal da classe 8 (*ovi-*).

Olunyaneka		Olutyipungu	
Singular	Plural	Singular	Plural
<i>omuti</i>	<i>omiti</i>	<i>omuti</i>	<i>oviti</i>
3.árvore	4.árvore	3.árvore	8.árvore
‘árvore’	‘árvores’	‘árvore’	‘árvores’

- b) o olunyaneka realiza o diminutivo dos substantivos no singular antepondo o prefixo nominal da classe 12 (*oka-*) ao prefixo de classe nominal do substantivo

(no exemplo abaixo *omu-*) e realiza o diminutivo dos substantivos no plural antepondo o prefixo de classe nominal 14 (*ou-*) ao prefixo nominal da classe do substantivo (no exemplo abaixo *omi-*); já o olutyipungu realiza o diminutivo dos substantivos antepondo o prefixo nominal da classe 12 (*oka-*) ao prefixo de classe nominal do substantivo, quer seja do singular (no exemplo abaixo *omu-*), quer seja do plural (no exemplo abaixo *ovi-*).

Olunyaneka		Olutyipungu	
Singular	Plural	Singular	Plural
<i>okamuti</i> 12.3.árvore 'árvorezinha'	<i>oumiti</i> 14.4.árvore 'árvorezinhas'	<i>okamuti</i> 12.3.árvore 'árvorezinha'	<i>okaviti</i> 12.8.árvore 'árvorezinhas'

- c) o olunyaneka realiza o plural do substantivo com prefixo de classe nominal 15 (*oku-*), pospondo-o ao prefixo de classe nominal 6 (*oma-*); o olutyipungu realiza o plural do substantivo do prefixo de classe 15 (*oku-*), pospondo-o ao prefixo de classe nominal 8 (*ovi-*).

Olunyaneka		Olutyipungu	
Singular	Plural	Singular	Plural
<i>okulia</i> 15.comida 'comida'	<i>omakulia</i> 6.15.comida 'comidas'	<i>okulia</i> 15.comida 'comida'	<i>ovikulia</i> 8.15.comida 'comidas'

- d) o olunyaneka exibe 6 prefixos de classe nominal (2, 4, 6, 8, 10) para formar o plural dos substantivos, bem como o prefixo de classe nominal 14 (*ou-*) para formar o diminutivo dos substantivos no plural, antepondo-o ao prefixo de classe nominal do substantivo; o olutyipungu apresenta 4 prefixos de classe nominal (2, 6, 8, 10) para formar plural dos prefixos de classe nominal.
- e) o olunyaneka usa o prefixo de classe nominal 14 (*ou-*) para formar o singular do substantivo que exprime nomes abstratos (naturalidade, qualidade, estado) e/ou coisas, para além de o usar para formar o diminutivo dos substantivos no plural desta língua; o olutyipungu usa o mesmo prefixo de classe nominal para formar o singular dos nomes que exprimem nomes abstratos (naturalidade, qualidade,

estado), sendo que o diminutivo dos nomes desta variedade é sempre formado pelo prefixo de classe nominal 12 (*oka-*) quer no singular, quer no plural dos substantivos.

Olunyaneka		Olutyipungu	
Singular	Plural	Singular	Plural
<i>outalala</i> 14.frio 'frio'	<i>omautalala</i> 6.frio 'frios'	<i>outalala</i> 14.frio 'frio'	<i>omautalala</i> 6.14.frio 'frios'
<i>ounthiki</i> 14.noite 'noite'	<i>omaunthiki</i> 6.noite 'noites'	<i>oufuku</i> 14.noite 'noite'	<i>omaufuku</i> 6.14.noite 'noites'

DIMINUTIVO			
Olunyaneka		Olutyipungu	
Singular	Plural	Singular	Plural
<i>okambwa</i> 12.cão 'cãozinho'	<i>oumbwa</i> 14.9.cão 'cãezinhos'	<i>okatyimbwa</i> 12.7.cão 'cãozinho'	<i>okavimbwa</i> 12.8.cão 'cãezinhos'
<i>okangombe</i> 12.9.boi 'boizinho'	<i>oungombe</i> 14.9.boi 'boizinhos'	<i>okangombe</i> 12.9.boi 'boizinho'	<i>okanongombe</i> 12.10.boi 'boizinhos'

Estas diferenças, além de diversas outras em outros domínios da gramática, permitem mostrar que as duas variedades são distintas.

Como referimos acima, uma outra diferença entre o olunyaneka e o olutyipungu consiste no emparelhamento singular/plural. A tabela seguinte ilustra o emparelhamento dos prefixos nominais nas duas variedades.

Tabela 2 – Emparelhamento dos prefixos de classe nominal (singular e plural).

Classes nominais			
Olunyaneka		Olutyipungu	
Singular	Plural	Singular	Plural
1	2	1	2
1.a	2.a	1.a	2.a
3	4	3	8
5	6	5	6
7	8	7	8
9	10	9	10
11	10/6	11	10/6
12	14	12	
13	6	13	6
14	6	14	6
15	6	15	6/8
16	locativos		
17			
18			

Esta distribuição dos prefixos de classe nominal do olunyaneka é distinta da apresentada noutros trabalhos (*e.g.*, Lang 1906, Silva 1911, d’Andrade 2007). De facto, d’Andrade (2007) refere a formação do plural do prefixo nominal da classe 11 (*olu-*) com o prefixo de classe nominal 6 (*oma-*), mas sem dar conta do prefixo nominal da classe 10 (*ono-*), que também forma o plural dos substantivos formados pelo prefixo de classe nominal 11. Vejam-se os exemplos abaixo.

Olunyaneka	
Singular	Plural
<i>olunkhembe</i> 11.bezerra ‘bezerra’	<i>omalunkhembe</i> 6.11.bezerra <i>ononkhembe</i> 10.bezerra Ambos: ‘bezerros’
<i>olundungu</i> 11.malagueta ‘malagueta (jindungo)’	<i>onondungu</i> 10.malagueta ‘malaguetas’

As diferenças encontradas nas duas variedades observam-se ainda na formação do género dos prefixos de classe nominal (singular/plural), que nem sempre coincidem. É o caso do prefixo de classe nominal 3 (*omu-*), que, no olunyaneka, faz o plural na classe 4 (*omi-*), e, no olutyipungu, na classe 8 (*ovi-*). Outra diferença é observada na realização do plural do prefixo de classe nominal 12 (*oka-*); apenas no olunyaneka o plural desta classe é feito através do prefixo da classe 14 (*ou-*).

Outro dos aspetos que deve ser discutido na comparação entre as duas variedades prende-se com os prefixos locativos. Ngunga & Simbine (2012: 78) definem os locativos como “palavras que indicam localização de evento no tempo e no espaço.” No protobantu, estes prefixos, das classes 16, 17 e 18, teriam sido, respetivamente, **pa-*, **ku-* e **mu-* (e.g., Katamba 2003), cujos reflexos e cognatos ocorrem em muitas línguas bantu e que, por vezes, funcionam também como preposições (cf., entre outros, Araújo 2013: 39-40; Zeller Ms.)

Conforme ilustrado na Tabela 1, tanto o olunyaneka como o olutyipungu preservam os três prefixos locativos do protobantu. Contudo, os trabalhos de Silva (1911: 5) e de d’Andrade (2007: 57) divergem em relação à forma do prefixo locativo da classe 16 em olunyaneka, que é *pu-* para o primeiro, e *-pa* para o segundo. Consideramos que a primeira hipótese é a correta, uma vez que é a forma *pu-* que ocorre com nomes da classe 1a, que apresentam um prefixo \emptyset e na maioria dos contextos ocorrem sem o aumento *o-*, por exemplo, *pu-tate* (16-pai, ‘perto do pai’). Não se aplicando, nestes contextos, regras morfofonológicas relacionadas com a coalescência entre vogais, assumimos que *pu-* é a forma de base.

Discutidas as diferenças e as semelhanças entre o olunyaneka e o olutyipungu, dedicaremos agora a nossa atenção exclusivamente à variedade que é objeto de estudo. Assim, e para uma melhor compreensão da estrutura nominal do olutyipungu, na Tabela 3, adaptada de Katamba (2003: 104), exemplificamos a constituição dos pares de prefixos de classe nominal (singular e plural), e indicamos alguns dos valores semânticos associados a cada uma das classes. Note-se, no entanto, que estes valores correspondem a tendências e que também existem nomes cuja inclusão numa determinada classe é imprevisível (cf. por ex. Katamba 2003).

Tabela 3 – Prefixos de classe nominal do olutyipungu e exemplos de campos semânticos.

Singular	Exemplo	Plural	Exemplo	Campos semânticos
1. <i>omu-</i>	<i>omunthu</i> 'pessoa'	2. <i>ova-</i>	<i>ovanthu</i> 'pessoas'	Antropónimos
1a. \emptyset	<i>tate</i> 'pai'	2a. <i>ovo-</i>	<i>ovotate</i> 'pais'	
3. <i>omu-</i>	<i>omuti</i> 'árvore'	8. <i>ovi-</i> ¹³	<i>oviti</i> 'árvores'	Plantas
	<i>omumanga</i> 'mangueira'		<i>ovimanga</i> 'mangueiras'	Partes do corpo
	<i>omutima</i> 'coração'		<i>ovitima</i> 'corações'	
	<i>omutilo</i> 'reflexo'		<i>ovitilo</i> 'reflexos'	Reflexos involuntários
	<i>omuliakulo</i> 'relâmpago'		<i>oviliakulo</i> 'relâmpagos'	Fenómenos naturais
5. <i>e-</i>	<i>epanga</i> 'amigo'	6. <i>oma-</i>	<i>omapanga</i> 'amigos'	Antropónimos
	<i>ekope</i> 'rico'		<i>omakope</i> 'ricos'	
	<i>eima</i> 'fruto'		<i>omaima</i> 'frutos'	Frutas
	<i>ekapa</i> 'batata-doce'		<i>omakapa</i> 'batatas-doces'	Tubérculos
	<i>epungu</i> 'milho'		<i>omapungu</i> 'milhos'	Cereais
7. <i>otyi -</i>	<i>otyipuka</i> 'coisa'	8. <i>ovi-</i>	<i>ovipuka</i> 'coisas'	Objetos
	<i>otyikombo</i> 'cabrito/cabra'		<i>ovikombo</i> 'cabritos/cabras'	Animais de menor prestígio
9. <i>o-/on</i>	<i>ongombe</i> 'boi'	10. <i>ono-/onon</i>	<i>onongombe</i> 'bois'	Animais de maior prestígio e de estimação

¹³ Por inexistência do prefixo nominal da classe 4 nesta língua, recorre-se ao prefixo nominal da classe 8.

	<i>oñaña</i> 'bebé'		<i>onoñaña</i> 'bebés'	Antropónimos
	<i>omanga</i> 'manga'		<i>onomanga</i> 'mangas'	Frutas
	<i>ondjuvo/wo</i> 'casa'		<i>onondjuvo/wo</i> 'casas'	Objetos fixos e utensílios domésticos
	<i>omangela</i> ¹⁴ 'mangueira '		<i>onomangela</i> 'mangueiras '	
	<i>ongandjo</i> 'cerca'		<i>onongandjo</i> 'cercas'	
11. <i>olu-</i>	<i>oluneke</i> 'dia'	10. <i>ono-</i>	<i>ononeke</i> 'dias'	Períodos de tempo
	<i>olumbugululu</i> 'estrela'		<i>onombungululu</i> 'estrelas'	Astros
	<i>oluhuki</i> 'fio de cabelo'		<i>onohuki</i> 'fios de cabelo'	Nomes contáveis
	<i>oluxoke</i> 'pensamento'	6. <i>oma-</i>	<i>omaluxoke</i> 6.11.pensamento 'pensamentos'	Nomes abstratos
	<i>olukwi</i> 'assobio'		<i>omalukwi</i> 6.11.assobio 'assobios'	
12. <i>oka-</i>	<i>okañaña</i> 'bebezinho/a'	Diminutivos		
	<i>okandjuvo</i> 'casinha'			
	<i>okanoñaña</i> 'bebezinho/a'			
	<i>okanondjuvo</i> casinhas			
13. <i>otu-</i>	<i>otulo</i> 'sono'	6. <i>oma-</i>	<i>omatulo</i> 'sonos'	
14. <i>ou-</i>	<i>outokotue</i> 'calor'	6. <i>oma-</i>	<i>omautokotue</i> 'calores'	Nomes abstratos
	<i>oukuse</i> 'tristeza/briga'		<i>omaukuse</i> 'tristezas/brigas'	

¹⁴ Nome de origem portuguesa que é homónimo de mangueira - objeto tubular que serve para a passagem de líquidos.

15. <i>oku-</i>	<i>okuvoko</i> 'braço'	6. <i>oma-</i>	<i>omavoko</i> 'braços'	Membros superiores e inferiores dos seres
	<i>okulya</i> 'comida'	8. <i>ovi-(+15)</i>	<i>ovikulya</i> 'comidas'	Nomes inanimados
	<i>okulya</i> 'comer' <i>okuenda</i> 'andar'	Infinitivo dos verbos		
Locativos				
16. <i>pu-</i>	<i>putate</i> 16. 1a.pai 'no pai'	Localização geral e dêixis espacial, tendo como ponto de partida o locutor.		
17. <i>ku-</i>	<i>kutate</i> 17. 1a.pai 'lá no pai'	Localização geral e dêixis espacial tendo como ponto de partida o interlocutor.		
18. <i>mu-</i>	<i>mutate</i> 18. 1a.pai 'no seio do pai'	Localização interna (dentro de qualquer coisa)		

A estrutura do nome no olutyipungu envolve o aumento (*o-*), por vezes designado de pré-prefixo, que é uma das características das variedades das línguas bantu da Zona R. De acordo com Sommer (2003: 571-72)

“Pre-prefix forms in Western Savanna occur in UMBundu, Ndonga, Yeyi and Luyana while they are missing in the Kavango languages and in Luvale. As is already indicated, in particular pre-prefix forms are wide-spread in languages of Guthrie’s zone R. Among these languages are also Nyaneka (R13), Nkhumbi (R14), Kwanyama (R21), and Herero (R31) (Blois 1970). Like UMBundu and Ndonga these languages exhibit an invariable vocalic pre-prefix *o-* before consonants. When the noun prefix consists of a single vowel as in some classes in UMBundu, the pre-prefix may be represented by a floating tone only (Schadeberg 1990: 12).”

No olutyipungu, o aumento *o-* tem uma função morfossintática. No nome, o afixo (infixo) inicial – antes do prefixo – desempenha a função de um determinante nas frases afirmativas/declarativas, interrogativas, negativas. Além disso, o prefixo de

aumento exerce uma função semântica no prefixo da classe nominal do nome que antecede. A ausência do aumento no nome altera o valor semântico deste e do enunciado, pois pode ter um valor imprecativo. No olutyipungu, a ocorrência do prefixo de aumento nos nomes é obrigatória, salvo em frases imperativas e vocativos, nos quais, devido a fatores pragmáticos, este pode ser omitido, como se pode observar nos exemplos seguintes.

(6) (Ø)*munthu!*

(Ø)1.pessoa

‘Pessoa!’

(7) (Ø)*ku-end-e!*

(Ø)15-andar-VF

‘Vai!’

Os (pré-)prefixos de classe nominal (cf. Tabelas 1 e 3) servem também para caracterizar o género de cada classe, o grau aumentativo dos substantivos, como é o caso do prefixo *oma-*; e o diminutivo do substantivo, como é o caso do prefixo de classe nominal *oka-* (*~ka-*). O prefixo nominal *oku-* (*~ku-*), de forma geral, serve para caracterizar os verbos nas formas infinitivas, mas também serve para caracterizar alguns nomes deverbais e algumas partes do corpo dos seres com traços semânticos [\pm HUM] e [\pm ANIM].

(8) *okulia*

15.comida

(9) *okanongombe*

12.10.boi

‘boizinhos’

Como referimos acima, a distribuição do género das classes nominais está relacionada com o critério semântico de um determinado grupo de nomes. Descrevemos, em seguida, as funções semânticas que cada prefixo de classe nominal desempenha em cada género de classe.

O prefixo nominal da classe 1 serve para designar o singular dos nomes dos seres humanos ou de objetos personificados, formando o plural com o prefixo nominal da classe 2.

Classe	Singular	Classe	Plural	Valor semântico
1 (<i>omu-</i>)	<i>omunthu</i> 1.pessoa	2 (<i>ova-</i>)	<i>ovanthu</i> 2.pessoa	Antropónimos Parentesco
	<i>omukai</i> 1.mulher		<i>ovakai</i> 2.mulher	
	<i>omuteleki</i> 1.cozinheira		<i>ovateleki</i> 2.cozinheira	
1.a (Ø)	<i>tate</i> 1a.pai	2.a (<i>ovo-</i>)	<i>ovotate</i> 2a.pai	
	<i>ina</i> 1a.mãe		<i>ovoina</i> 2a.mãe	

O prefixo de classe nominal 3 (*omu-*) serve para caracterizar o singular de nomes, tais como: árvores e plantas, algumas partes do corpo humano, diversos utensílios domésticos e fenómenos naturais. O plural destes substantivos é marcado pelo prefixo nominal da classe 8 (*ovi-*), conforme se pode ver a seguir.

Classe	Singular	Classe	Plural	Valor semântico
3 (<i>omu-</i>)	<i>omuti</i> 3.árvore	8 (<i>ovi-</i>)	<i>oviti</i> 8.árvore	Árvores Plantas Partes do corpo Utensílios Fenómenos naturais
	<i>muuni</i> 3.maboqueiro		<i>oviuni</i> 8.maboqueiro	
	<i>omumanga</i> 3.mangueira		<i>ovimanga</i> 8.mangueira	
	<i>omunyino</i> 3.pescoço		<i>ovinyino</i> 8.pescoço	
	<i>omusalo</i> 3.peneira'		<i>ovisalo</i> 8.peneira'	
	<i>omuliakulo</i> 3.relâmpago		<i>oviliakulo</i> 8.relâmpago	
	<i>omundundumo</i> 3.trovão		<i>ovindundumo</i> 8.trovão	

O prefixo nominal da classe 5 (*e-*) serve para caracterizar o singular de substantivos que denotam algumas partes do corpo que formam pares (quer de seres humanos quer de animais), alguns utensílios domésticos, instrumentos, plantas e parte de algumas plantas e árvores, algumas frutas, alguns legumes, graus de parentescos (+animados), alguns fenómenos naturais, a contagem cronológica, e, em alguns casos, alguns animais selvagens, algumas aves domésticas, a grandeza de um fenómeno natural ou artificial (dilúvio, enfermidade, lavoura, matagal) e nomes não contáveis. O plural desta classe é formado pelo prefixo de classe nominal 6 (*oma-*) que se pré- prefixa ao prefixo de classe nominal 5 (*e-*). Em alguns casos o prefixo de classe nominal 5 (*e-*) é substituído pelo prefixo de classe nominal 6 (*oma-*), conforme já referido anteriormente e ilustrado em seguida.

Classe	Singular	Classe	Plural	Valor semântico
5 (<i>e-</i>)	<i>eeke</i> 5.mão	6.(<i>oma-</i>)+(<i>e-</i>)	<i>Omaeke</i> 6.mão	Partes de corpo (especialmente quando formam pares)
	<i>eiso</i> 5.olho	6 (<i>oma-</i>)	<i>Omaiso</i> 6.olho	
	<i>enkhasa</i> 5.pata		<i>omankhasa</i> 6.pata	
	<i>ehuki</i> 5.cabelo		<i>omahuki</i> 6.cabelo	Nomes coletivos
	<i>eheke</i> 5.areia		<i>omaheke</i> 6.areia	
	<i>ekongola</i> 5.matagal		<i>omakongola</i> 6.matagal	
	<i>epyia</i> 5.lavra		<i>omapyia</i> 6.lavra	Utensílios
	<i>elonga</i> 5.prato		<i>omalonga</i> 6.prato	
	<i>ekango</i> 5.seca		<i>omakango</i> 6.seca	Fenómenos naturais
	<i>etala</i> 5.charco		<i>omatalas</i> 6.charco	
	<i>endunde</i> 5.dilúvio		<i>omandunde</i> 6.dilúvio	
	<i>epanga</i>		<i>omapanga</i>	

	5.amigo/a		6.amigo/a	Seres humanos
	<i>ekunga</i>		<i>omakunga</i>	
	5.mulher.elegante		6.mulher.elegante	
	<i>eliva</i>		<i>omaliva</i>	Instrumentos
	5.armadilha		6.armadilha	
	<i>ekapa</i>		<i>omakapa</i>	Legumes Plantas Cereais
	5.batata-doce/ batata		6.batata-doce/ batata	
	<i>ematiamiata</i>		<i>omamatiamiaty</i>	
	5.tomate		6.tomate	
	<i>epungu</i>		<i>omapungu</i>	
	5.milho		6.milho	
	<i>ekunde</i>		<i>omakunde'</i>	
	5.feijão-frade		6.feijões-frade	
	<i>ekovi</i>		<i>omakovi</i>	
	5.couve		6.couve	
	<i>ekumbi</i>		<i>omakumbi</i>	Astros
	5.sol		6.sol	
	<i>emboto</i>		<i>omamboto</i>	Animais
	5.sapo/rã		6.sapo/rã	
	<i>embungu</i>		<i>omambungu</i>	
	5.hiena		6.hiena	
	<i>ekondombolo</i>		<i>omakondombolo</i>	
	5.galo		6.galo	

O prefixo de classe nominal 7 (*otyi-*) serve para caracterizar o singular de alguns nomes diversos (indeterminados), alguns nomes de seres com pouco valor social, para além de se usar para caracterizar alguns nomes de acontecimentos inéditos (incomuns) e outros nomes com um sentido pejorativo. Os nomes da classe 7 formam o plural na classe 8 (*ovi-*).

Classe	Singular	Classe	Plural	Valor semântico
7 (<i>otyi-</i>)	<i>otyipuka</i> 7.coisa	8 (<i>ovi-</i>)	<i>ovipuka</i> 8.coisa	Objetos
	<i>otyimphulu</i> 7.gatuno		<i>ovimphulu</i> 8.gatuno	Pejorativo
	<i>otiyiyaya</i>		<i>oviyaya</i>	

	7.palha		8.palha	
	<i>otyingulu</i>		<i>ovingulu</i>	
	7.porco		8.porco	
	<i>otyimbanda</i>		<i>ovimbanda</i>	Pessoas destacadas
	7.curandeiro		8.curandeiro ¹⁵	
	<i>otyikomo</i>		<i>ovikomo</i>	Nome abstrato
	7.milagre		8.milagre	
	<i>otyimphuku</i>		<i>ovimphuku</i>	Animais de pouco valor social
	7.rato		8.rato	

O prefixo de classe nominal 9 (*o-* ~ *on-*) aplica-se a dois contextos: ocorre com nomes que assimilam o prefixo nominal (*n-*) e também com nomes que apresentam um prefixo nominal vazio (\emptyset), que, por força da língua, é sempre preenchido pelo aumento (*o-*). O prefixo nominal da classe 9 (*o-* ~ *on-*) designa o singular dos animais de estimação e/ou de grande valor (prestígio), alguns seres invertebrados, algumas frutas, partes do corpo de alguns seres animados, alguns nomes deverbais, coisas e paisagens. Esta classe faz o plural através do prefixo de classe nominal 10 (*on-* ~ *ono-*). O prefixo de classe nominal 9 (*o-*) denota ainda os nomes não contáveis, conforme se pode ver a seguir.

Classe	Singular	Classe	Plural	Valor semântico
9 (<i>o-/on-</i>)	<i>ongombe</i> 9.boi	10 (<i>on-</i> ~ <i>ono-</i>)	<i>onongombe</i> 10.boi	Animais de prestígio
	<i>ondjamba</i> 9.elefante		<i>onondjamba</i> 10.elefante	
	<i>omanga</i> 9.manga		<i>onomanga</i> 10.manga	Frutas
	<i>omphai</i> 9.pé		<i>onomphai</i> 10.pé	Partes do corpo de seres animados
	<i>ongunyu</i> 9.tornozelo		<i>onongunyu</i> 10.tornozelo	
	<i>ongundji</i> 9.forquilha		<i>onongundji</i> 10.forquilha ¹⁶	Utensílios

¹⁵ A mesma designação é atribuída aos médicos da medicina convencional.

¹⁶ Ramo de árvore ou arbusto que se bifurca com o formato da letra Y.

	<i>ongongololo</i> 9.milípede		<i>onongongololo</i> 10.milípede	Invertebrados
	<i>ongundi</i> 9.manteiga		<i>Onongundi</i> 10.manteiga	Líquidos
	<i>omesa</i> 9.mesa		<i>onomesa</i> 10.mesa	Objetos
	<i>ondjjevo</i> 9.caçada		<i>onondjjevo</i> 10.caçada	Nomes deverbais
	<i>omphile</i> 9.queimada		<i>onomphile</i> 10.queimada	
	<i>omphunda</i> 9.montanha		<i>onomphunda</i> 10.montanha	Paisagens
	<i>omeva</i> 9.água			Nomes não contáveis

O prefixo de classe nominal 11 (*olu-*) serve para caracterizar objetos e/ou partes de seres animados ou alguns insetos. Os nomes desta classe formam o plural com os prefixos de classe nominal 10 (*ono-*) ou 6 (*oma-*) + 11 (*olu-*) (*oma+olu > omalu*), conforme se pode ver a seguir.

Classe	Singular	Classe	Plural	Valor semântico
11 (<i>olu-</i>)	<i>olumpheto</i> 11.chifre	10 (<i>ono-</i>)	<i>onompheto</i> 10.chifre	Partes do corpo que formam pares
	<i>oluhuki</i> 11.fio de cabelo		<i>onohuki</i> 10.fios de cabelo	Nomes contáveis
	<i>olukufi</i> 11.chapada	6 (<i>oma-</i>) + 11 (<i>olu-</i>)	<i>omalukufi</i> 6.11chapada	Nomes deverbais
	<i>olupandu</i> 11.agradecimento		<i>omalupandu</i> 6.11.agradecimento	

O prefixo de classe nominal 12 (*oka-*) serve para caracterizar o grau diminutivo dos substantivos no geral, quer estejam no singular quer estejam no plural, e serve também para exprimir sentimentos afetivos. Quando o prefixo de classe nominal 12 (*oka-*) se

junta ao nome no singular, o aumento (*o-*) não ocorre, formando assim o seu diminutivo. Este prefixo de classe nominal não tem plural, conforme já referido anteriormente e ilustrado nos exemplos seguintes.

Classe	Singular	Classe	Plural
12 (<i>oka-</i>) + 9 (<i>o-/on</i>)	<i>okañaña</i> 12.bebé 'bebézinho'	12 (<i>oka-</i>) + 10 (<i>on-/ono-</i>)	<i>okanoñaña</i> 12.10.bebé 'bebézinhas'
12 (<i>oka-</i>) + 7 (<i>otyí</i>)	<i>okawena/okatyiwena</i> 12.cachorro/ 12+7.cachorro 'cachorrinho'	12 (<i>oka-</i>) + 8 (<i>vi</i>)	<i>okaviwena</i> 12.8.cachorro 'cachorrinhos'
12 (<i>oka-</i>) + 9 (<i>o-</i>)	<i>okamona</i> 12.9.criança 'criancinha, filhinho'	12 (<i>oka-</i>) + 2.a (<i>ova</i>)	<i>okavana</i> 12.2a.criança 'criancinhas, filhinhos'
12 (<i>oka-</i>) + 9 (<i>o-</i>)	<i>okandjuvo</i> 12.9.casa 'casinha'	12 (<i>oka-</i>) + 10 (<i>ono-</i>)	<i>okanondjuvo</i> 12.10.casa 'casinhas'
12 (<i>oka-</i>) + 5 (<i>e-</i>)	<i>okavaya</i> 12.5.tábua 'tabuinha'	12 (<i>oka-</i>) + 6 (<i>oma-</i>)	<i>okamavaya</i> 12.6.tábua 'tabuinhas'

O prefixo de classe nominal 13 (*otu-*) usa-se para caracterizar o estado de sonolência de um ser [\pm HUM]. O plural é formado pelo prefixo de classe nominal 6 (*oma-*), sendo que, nesse caso, a vogal prefixal nominal de classe é elidida, conforme se pode ver nos exemplos seguintes.

Classe	Singular	Classe	Plural	Valor semântico
13 (<i>otu-</i>)	<i>otulo</i> 13.sono	6 (<i>oma-</i>)	<i>omatulo</i> 6.sono	Nomes abstratos

O prefixo de classe nominal 14 (*ou-*) usa-se para caracterizar alguns nomes que exprimem o estado do tempo e alguns nomes que exprimem qualidades, ações e defeitos. O plural desta classe é formado pelo prefixo nominal da classe 6 (*oma-*),

prefixado ao nome do prefixo de classe nominal 14, elidindo a sua vogal inicial, conforme se pode ver a seguir.

Classe	singular	Classe	Plural	Valor semântico
14 (<i>ou-</i>)	<i>outalala</i> 14.frio	6 (<i>oma-</i>) +14 (<i>ou-</i>)	<i>omautalala</i> 6.frio	Nomes abstratos
	<i>oupange</i> 6.trabalho		<i>omaupange</i> 14.trabalho	

O prefixo de classe nominal 15 (*oku-*) usa-se para caracterizar o singular de algumas das partes do corpo e também serve para formar o prefixo do verbo no infinitivo. O plural é formado pelo prefixo de classe nominal 6 (*oma-*), conforme se pode ver a seguir.

Classe	Singular	Classe	Plural	Valor semântico
15 (<i>oku-</i>)	<i>okulu</i> 15.pena	6 (<i>oma-</i>)	<i>oma'ulu</i> 6.penas	Partes do corpo que formam pares
	<i>okuvoko</i> 15.braço		<i>omavoko</i> 6.braço	
	<i>okupopya</i> 15. falar			Infinitivo dos verbos

Consideremos agora os morfemas locativos. Estes associam-se aos nomes para os localizar no tempo e no espaço (e.g. Chivambo 2013: 22). Este autor refere que as classes locativas em muitas línguas bantu são marcadas pelos prefixos *pa-*, *ku-* e *mu-*, e que a sua semântica se refere à proximidade a um lugar, a um lugar distante ou a um lugar no interior de algo, respetivamente. É também o que se verifica no olutyipungu. Veja-se, porém, que há línguas bantu que perderam parcialmente estas classes, como é o caso do changana (Ngunga & Simbine 2012).

No olutyipungu, os locativos têm sofrido processos de sândi quando se juntam aos nomes que começam com vogal. Este fenómeno ocorre quase em todos os nomes, já que a estrutura dos substantivos comuns é vogal-consoante-vogal. Sendo que esta variedade apresenta uma estrutura nominal morfológica inicial vocálica nos nomes, devido à presença do aumento (*o-*), a prefixação locativa no nome faz com que se elimine a vogal final do prefixo locativo, mantendo-se assim o aumento do respetivo

nome, quer se encontre no singular, quer se encontre no plural, obtendo a seguinte estrutura: **locativo + nome(singular)** e /ou **locativo + nome (plural)**. Eis alguns exemplos.

Classe	Singular	Classe	Plural	Valor semântico
16 (<i>pu-</i>) + 1a (Ø)	<i>putate pano</i> 16.1.a.pai 16.aqui 'este pai aqui'	16 (<i>pu-</i>) + 2a (<i>ovo-</i>)	<i>povotate pano</i> 16.2a.pai 16.aqui 'estes pais aqui'	Proximidade
17 (<i>ku-</i>) + 1a (Ø)	<i>kutate kuna</i> 17.pai 17.lá 'aquele pai lá'	17 (<i>ku-</i>) + 2a (<i>ovo-</i>)	<i>kovotate kuna</i> 17.2a.pai 17.lá 'aqueles pais lá'	Distanciamento
18 (<i>mu-</i>) + 1a (Ø)	<i>mutate muno</i> 18.pai 18.dentro 'dentro ou no seio do pai'	18 (<i>mu-</i>) + 2a (<i>ovo-</i>)	<i>movotate muno</i> 18.2a.pai 17.dentro 'dentro ou no seio dos pais'	Interioridade

Como ilustram os exemplos acima, o locativo *pu-* em *ovotate* passou a *po-* devido à existência do prefixo nominal *o-* da classe 1, seguido do prefixo de classe (2a) + radical do nome (*-votate*). Note-se também que em *pano* o radical demonstrativo *-no* é precedido pelo locativo *pa-*, que neste caso deriva do paradigma dos prefixos pronominais (e.g. Katamba 2003: 111). O radical demonstrativo (RDEM) apresenta duas variações: *-no* e *-na*. Estes só podem ocupar a posição final na estrutura: LOC+ RDEM. O radical demonstrativo *-no* exprime a ideia de proximidade e interioridade; e o radical de demonstrativo *-na* denota a ideia de distanciamento. O RDEM *-no* é sempre precedido pelos locativos *pa-* e *mu-*, e o RDEM *-na* é sempre prefixado pelo locativo *pu-*. Tanto os locativos como os radicais demonstrativos não têm plural, mas podem codificar a ideia do plural quando se acoplam a um nome que esteja no plural, dando a ideia de incerteza ou indeterminação.

- (10) *Tyalimwa u-kef-i k'onondjuvo ku-na.*
 Tyalimwa CS1-estar-VF 17.10.casa 17-RDEM
 Lit. 'O Tyalimwa está **naquelas casas lá.**' (incerteza)

Contudo, os prefixos locativos também exercem o estatuto de preposições locativas *pu*, *ku*, *mu*, sendo estas empregues para se referirem à ideia de lugar. A primeira (*pu*)

significa ‘perto de, sobre’; a segunda (*ku*) significa ‘na direção de, com, para com, lá’; a terceira (*mu*) significa ‘em’ ou ‘dentro’. Os locativos também induzem um processo de concordância, tal como os prefixos não locativos.

Veja-se ainda que os prefixos locativos da classe 16, 17 e 18 podem combinar-se com o índice demonstrativo locativo de concordância *-no* e *-na*, dando-lhes o sentido direcional de proximidade, distância ou interioridade relativamente a um determinado lugar. Na estrutura do nome, o locativo ocupa sempre a posição inicial (é prefixado) e concorda sempre com o RDEM, conforme se pode ver nos seguintes casos.

Radical demonstrativo	Locativo	Concordância do radical demonstrativo	Valor semântico
<i>-no</i>	<i>p'onjuvo pano</i> 16.casa 16.aqui 'nesta casa aqui'	<i>pano</i> 16.aqui 'aqui'	Proximidade
<i>-na</i>	<i>mk'onjuvo kuna</i> 17.casa 17.lá 'lá naquela casa'	<i>kuna</i> 17.lá 'lá'	Distanciamento
<i>-no</i>	<i>m'onjuvo muno</i> 18.dentro 18.desta 'dentro desta casa'	<i>muno</i> 'dentro' 18.dentro 'no interior/ dentro'	Interioridade

O mesmo fenómeno de sândi verifica-se com o nome do prefixo de classe nominal 5, pese embora este prefixo de aumento desta classe seja *e-* combinado com o prefixo de classe nominal 5 e não da classe 9 *o-* como o aumento. Neste caso, os locativos das classes 16, 17 e 18 (*pu-*, *ku-*, *mu-*) passam a *pe-*, *ke-*, e *me-*, respetivamente, conforme se pode ver nos seguintes casos.

Locativo	Fenómeno sândi	Valor semântico
16 (<i>pu-</i>)	<i>p'epia pano</i> 16.lavra 16.aqui 'aqui na da lavra'	Proximidade
17 (<i>ku-</i>)	<i>k'epia kuna</i> 17.lavra' 17.lá 'lá na lavra'	Distanciamento
18 (<i>mu-</i>)	<i>m'epia muno</i> 18.lavra 18.dentro 'dentro da lavra'	Interioridade

Para concluir, a forma de base do locativo apenas é usada quando o prefixo locativo se associa ao nome cujo prefixo nominal pertence à classe 1a ou 2a, uma vez que estas classes nominais, em certos contextos, apresentam prefixos de classe vazios (\emptyset). Nestes casos, os morfemas locativos não sofrem uma variação na sua forma fonético-fonológica original, o que mostra que na classe 16 esta forma é *pu-*, distinguindo-se, pois, do protobantu *pa*. Vejam-se os exemplos em seguida.

<i>putate</i> 16.pai 'no pai'	<i>kutate</i> 17.pai 'lá no pai'	<i>mutate</i> 18.pai' 'no seio do pai'
-------------------------------------	--	--

Nesta secção descrevemos a morfologia nominal do olutyipungu, nomeadamente a forma como esta variedade se organiza do ponto de vista dos prefixos e pré-prefixos de classe nominal e discutimos a existência de semelhanças e diferenças relativamente ao olunyaneka. Mostrou-se também que os prefixos de classe apresentam, tipicamente, o aumento *-o*, que, por sua vez pode ser precedido por um prefixo locativo, e descreveram-se os valores semânticos das classes nominais, bem como o emparelhamento singular/plural do olutyipungu. Por fim, e, no que se refere aos prefixos locativos, mostrámos que o olutyipungu preserva os três prefixos locativos, das classes 16, 17 e 18, que foram reconstruídos para o protobantu, que podem sofrer alterações morfofonológicas.

3.3. Morfologia verbal do olutyipungu

A morfologia do verbo das línguas bantu é de tipo sintético aglutinante, ou seja, acrescenta afixos gramaticais ao radical verbal.

No olutyipungu, além da morfologia nominal a que nos referimos na secção anterior, há, portanto, também afixos que podem ocupar a posição pré ou pós-radical verbal, tais como os morfemas de concordância de sujeito e de objeto, morfemas de TMA e de negação, o índice de objeto, e extensões verbais que permitem, entre outros, aumentar ou reduzir a valência verbal.

A morfologia verbal do olutyipungu não foge dos formatos apresentados por Childs (2003), Ngunga & Simbine (2012), Schadeberg (1990), entre outros. No *template* morfológico do olutyipungu, os morfemas estão organizados da seguinte forma, independentemente de haver frequentemente processos de fusão morfológica e de harmonia vocálica entre morfemas adjacentes. Note-se que o sufixo pós-final (PF) corresponde ao sufixo de índice de objeto ou locativo (cf. (19), mais adiante).

(11) (NEG)–CS–TMA–(MO–)RADICAL(–EXT1–EXT2...)–VF/PRF(–PF)

Ilustraremos esta estrutura verbal com um exemplo do olutyipungu, usando, para o efeito, o verbo *oku-eeta* ‘trazer’.¹⁷

(12) *Tyalimwa kena-ku-mu-eet-el-a okulia.*
Tyalimwa NEG.CS1-FUT-MO1-trazer-APL-VF 15.comida
‘Tyalimwa não lhe trará comida.’

Na estrutura verbal desta frase podemos observar as diferentes unidades morfológicas, que serão analisadas, em particular, em seguida.

O radical (ou raiz) é o núcleo verbal que legitima os afixos verbais que a si se juntam. De acordo com Xavier & Mateus (1992), citados por Ngunga (2004: 149), raiz ou radical verbal é “o constituinte da palavra que contém o significado básico e não inclui os sufixos derivacionais ou flexionais”, neste caso o morfema *-eet-*. De acordo com Okoudowa (2010:12), nos verbos, “uma base pode ser derivada da raiz, pela

¹⁷ Conforme referimos na secção da morfologia nominal, o prefixo nominal de classe 15 serve tipicamente para caracterizar o infinitivo dos verbos, além de servir também para caracterizar alguns nomes. Este prefixo nominal de classe 15 (*oku-*), no caso dos verbos na forma infinitiva, ocorre sempre na posição prefixal do radical do verbo com o aumento (*o-*).

sufixação de uma extensão e pela incorporação de um sufixo flexional final verbal, o que gera um radical ao qual uma flexão pré-radical é acrescentada”, sendo a base, neste caso, composta pelos morfemas *eet-a* (radical + vogal final).

O marcador de negação (NEG) usa-se para formar frases negativas. No olutyipungu, este prefixo ocorre na posição inicial e varia de acordo com a pessoa do verbo, fundindo-se frequentemente com o marcador de (concordância de) sujeito. No exemplo (12), *kena-* corresponde à fusão de negação e do prefixo de concordância com o sujeito de terceira pessoa *Tyalimwa*. Se fosse a primeira pessoa do singular, por exemplo, usar-se-iam os prefixos *ha-*, *he-* ou *hi-* (negação + primeira pessoa), cuja variação se deve também à fusão com o tempo verbal. Vejam-se os seguintes exemplos.

- (13) *Ame ha-pop-ile.*
Eu NEG.CS1.PSD-falar-PST
'Eu não falei.'

- (14) *Ame hi-pop-i.*
Eu NEG.CS1-falar-VF
'Eu não falo.'

Estes exemplos mostram, inclusive, que línguas classificadas como aglutinantes apresentam e desenvolvem processos por fusão.

Na posição a seguir à NEG encontramos o morfema de sujeito (MS), que é um afixo de realização obrigatória. Conforme se pode observar, este varia em função de pessoa e número.

- (15) *Ni-eend-a.*
MS1SG-andar-VF
'Ando.'

- (16) *Tu-eend-a*
MS2SG-andar-VF
'Andamos.'

À direita do morfema de concordância de sujeito ocorrem prefixo de tempo, aspeto e modo, incluindo o \emptyset , como nos dois exemplos acima. O seguinte exemplo ilustra o morfema temporo-aspetual *-a-* do passado.

- (17) *Tyalimwa wa-land-a onanga*
 Tyalimwa CS1.PSD-comprar-APL-VF 9.pano
 ‘Tyalimwa comprou o pano.’

Note-se, no entanto, que a vogal final ou o sufixo final *-ile*, no exemplo (13) acima, também veiculam informação de tempo, modo e aspeto e que o morfema pré-verbal e o sufixo perfectivo podem coocorrer para transmitir a ideia de passado remoto.

Na posição a seguir ao morfema de concordância de sujeito e de tempo-aspeto, encontramos o morfema de objeto (MO) que representa o objeto ou concorda com o objeto, o qual varia de acordo com as classes nominais (cf. secção 3.2). No exemplo (18.b), a marca do objeto é representada pelo afixo *mu-*, que corresponde à classe nominal 1, a qual tipicamente integra seres humanos ou animados. No exemplo (18.c), a posição de MO é ocupada pelo morfema (também designado de infixos ou prefixo pré-radical) *tyi-* da classe nominal 7, quando pronominaliza o nome *otyimuti* ‘pau’.

- (18) a. *Tyalimwa te-eet-a otyimuti ku Ngelemina*
 Tyalimwa CS1.FUT-trazer-VF 7.pau LOC Guilhermina.
 ‘Tyalimwa trará o pau para Guilhermina.’
- b. *Tyalimwa te-mu-eet-a otyi-muti*
 Tyalimwa CS1.FUT-MO1-trazer-VF 7.pau
 ‘Tyalimwa trar-lhe-á o pau.’
- c. *Tyalimwa te-tyi-eet-a ku Ngelemina.*
 Tyalimwa CS1.FUT-MO7-trazer-VF LOC Guilhermina.
 ‘Tyalimwa trá-lo-á para Guilhermina’

Importa também referir que, quando o verbo pronominaliza um objeto com o papel temático de Recipiente com o traço [\pm ANIM], o morfema de objeto ocupa a posição pré-radical do verbo. Quando ambos os objetos são pronominalizados, apenas o objeto com o traço [+HUM] pode ocupar a posição pré-radical do verbo, sendo que o objeto com traços [-HUM] ocupa a posição pós-vogal final, representado pelo índice de objeto

(IO), um morfema de objeto que apresenta concordância e que é sufixado ao complexo verbal devido ao facto de esta língua bantu não admitir mais do que um prefixo pré-verbal em caso de pronominalização de dois objetos. No exemplo com um verbo ditransitivo, em (19.a), verifica-se, em (19.b), que o Recipiente é prefixado ao radical do verbo (-*mu*-) e o Tema (-*yo*) sufixado ao complexo verbal. Esta questão será retomada na seção 4.2.2.

- (19) a. *Tyalimwa wa-ih-ã Katumbu ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-dar-VF Katumbu 9.boi
 ‘Tyalimwa deu o boi a Katumbu.’
- b. *Tyalimwa we-mu-ih-ã-yo.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO1-dar-VF-IO9
 ‘Tyalimwa deu-**lho**.’ (*mu* = Katumbu; *yo* = boi)

Por outro lado, quando se pronominaliza o objeto com o papel temático Alvo [-ANIM] (ou Locativo), o morfema pronominal ocupa sempre a posição final (LOC), obtendo-se a estrutura em (20).

- (20) *Tyalimwa wa-tual-a-ko ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-levar-VF-LOC 9.boi
 ‘Tyalimwa levou **para lá** o boi.’ (= para um determinado local)

Note-se, por fim, que em olutyipungu o MO e o objeto pleno podem coocorrer na estrutura da frase, produzindo efeitos do pontos de vista da estrutura informacional que requerem investigação futura (cf. por ex. Van der Wal 2015). No seguinte exemplo, o prefixo pré-radical *mu*- está associado a *Katumbu*.

- (21) *Tyalimwa we-mu-ih-ã ongombe Katumbu.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO1-dar-VF 9.boi Katumbu
 ‘Tyalimwa deu um boi a Katumbu.’

Na Tabela 4 abaixo apresentamos agora os prefixos que representam o prefixo de classe nominal (cf. secção 3.2), de concordância de sujeito, os morfemas de objeto que ocorrem na posição pré-radical, bem como o índice de objeto do olutyipungu. Para

os morfemas de concordância de sujeito, em particular, incluímos duas colunas: uma que corresponde aos morfemas em isolamento e outra que corresponde à forma contraída com o morfema do passado *-a-*, o tempo mais utilizado nos exemplos desta tese, e que resulta em alterações morfofonológicas, em alguns casos.

Todos estes morfemas são de especial relevância para a análise dos dados no capítulo seguinte deste trabalho.

Tabela 4 – Morfemas de concordância de sujeito e de objeto no olutyipungu.

Classes	PN	CS	CS (PSD)	MO	IO
1	<i>omu-</i>	<i>u-</i>	<i>wa-</i>	<i>-mu-</i>	<i>-ie</i>
1^a	\emptyset	<i>u-</i>	<i>wa-</i>	<i>-mu-</i>	<i>-ie-</i>
2	<i>ova-</i>	<i>va-</i>	<i>va-</i>	<i>-ve-</i>	<i>-vo</i>
3	<i>omu-</i>	<i>u-</i>	<i>wa-</i>	<i>-u-</i>	<i>-o</i>
5	<i>e-</i>	<i>li-</i>	<i>lya-</i>	<i>-li-</i>	<i>-lio</i>
6	<i>oma</i>	<i>a-</i>	<i>a-</i>	<i>-e-</i>	<i>-o</i>
7	<i>otyi-</i>	<i>tyi-</i>	<i>tya-</i>	<i>-tyi-</i>	<i>-tyo</i>
8	<i>ovi-</i>	<i>vi-</i>	<i>vya-</i>	<i>-vi-</i>	<i>-vio</i>
9	<i>on-</i>	<i>i-</i>	<i>ya-</i>	<i>-i-</i>	<i>-oio</i>
10	<i>ono-</i>	<i>vi-</i>	<i>vya-</i>	<i>-vi-</i>	<i>-vio</i>
11	<i>olu-</i>	<i>lu-</i>	<i>lwa-</i>	<i>-lu-</i>	<i>-lo</i>
12	<i>oka-</i>	<i>ka-</i>	<i>ka-</i>	<i>-ke-</i>	<i>-ko</i>
13	<i>otu-</i>	<i>lu-</i>	<i>lwa-</i>	<i>-lu-</i>	<i>-lo</i>
14	<i>ou-</i>	<i>u-</i>	<i>wa-</i>	<i>-u-</i>	<i>-lo</i>
15	<i>oku-</i>	<i>ku-</i>	<i>kwa-</i>	<i>-ku-</i>	<i>-ko</i>
16	<i>pu-</i>	<i>pu-</i>	<i>pwa-</i>		<i>-po</i>
17	<i>ku-</i>	<i>ku-</i>	<i>kwa-</i>		<i>-ko</i>
18	<i>mu-</i>	<i>mu-</i>	<i>mwa-</i>		<i>-mo</i>

Por fim, entre o radical do verbo e a vogal final podem ocorrer extensões verbais (EXT) que, diferentemente da morfologia pré-verbal flexional, constituem morfemas derivacionais. No exemplo seguinte, o sufixo *-el-* corresponde à extensão aplicativa (APL) que, neste caso, legitima um Beneficiário (*Katumbu*).

- (22) a. *Tyalimwa wa-land-a onanga.*
 Tyalimwa CS1.PSD-comprar-VF 9.pano
 ‘Tyalimwa comprou o pano.’
- b. *Tyalimwa wa-land-el-a onanga Katumbu.*
 Tyalimwa CS1.PSD-comprar-APL-VF 9.pano Katumbu.
 ‘Tyalimwa comprou o pano para Katumbu.’

As extensões verbais desempenham diferentes funções e geralmente alteram a valência do verbo, acrescentando ou suprimindo argumentos (*e.g.* Schadeberg 2003). A extensão APL, por exemplo, acima acrescenta um argumento (Alvo, Beneficiário, Instrumento, etc.), ao passo que a extensão passiva *-u-* em (23.b), por exemplo, remove um argumento.

- (23) a. *Onkheyama ya-li-a omulume.*
 9.leão CS1.PSD-comer-VF 1.homem
 ‘O leão comeu o homem.’
- b. *Omulume wa-li-w-a (n'onkheyama).*
 1.homem CS1.PSD-comer-PASS-VF (PREP.9.leão)
 ‘O homem foi comido pelo leão.’

Em síntese, nesta secção, descrevemos a estrutura morfológica do verbo e a sua relação com a estrutura argumental, nomeadamente sujeito e objeto. Como vimos, a negação precede o morfema de (concordância com o) sujeito, que, por sua vez, precede a informação de TMA e o morfema de (concordância de) objeto ou reflexo, que concorrem para a mesma posição de prefixo pré-radical. Além disso, a vogal final e o sufixo perfectivo, que também concorrem para a mesma posição, constituem morfemas flexionais à direita do radical. As extensões verbais, por outro lado, ocorrem entre o radical do verbo e a vogal final/sufixo perfectivo, tratando-se de morfemas derivacionais. Por fim, a posição pós-final em olutyipungu está reservada para morfemas correspondentes ao índice de objeto e sufixos locativos.

4. Estruturas ditransitivas no olutyipungu

4.1 Introdução

No presente capítulo trataremos das estruturas ditransitivas do olutyipungu, variedade que exhibe a possibilidade de expressar o Recipiente/Alvo mediante uma construção de duplo objeto (CDO) ou uma construção ditransitiva preposicionada (CDP), com, respetivamente, os seguintes formatos:

- (24) a. [NP] [VP][NP][NP]
b. [NP] [VP][NP][PP]

As seguintes frases em inglês ilustram a alternância entre essas estruturas.

- (25) a. Mary gave John a present.
b. Mary gave a present to John.

Numa perspectiva tipológica, Gonçalves (2016), baseando-se num estudo de Haspelmath (2013), refere que este autor “analisou as construções ditransitivas com o verbo *dar* em 378 línguas, [sendo que] 189 exibem a CDP, enquanto 84 legitimam a CDO como a opção não marcada. Além disso, 40 línguas alternam entre a CDO e a CDP”. Demonstraremos que o olutyipungu pertence ao tipo de línguas que permitem alternância, ainda que não seja uma propriedade generalizada dos verbos ditransitivos considerados neste capítulo.

Estas estruturas e, em particular, as CDOs têm sido amplamente estudadas na literatura, incluindo para as línguas bantu (Baker 1988; Chimbutane 2002; Cumbane 2008; Hyman & Duranti 1982; Mchombo 2004, entre outros). De um modo geral, nestas últimas línguas tem-se discutido a hierarquia temática e grau de simetria entre os dois argumentos internos, com base em critérios como o papel da animacidade destes constituintes, a sua ordem sintática, a marcação dos objetos e a passivização.

Neste capítulo descreveremos e analisaremos dados do olutyipungu, no sentido de discutir a tipologia de verbos que ocorrem nas construções ditransitivas nos diversos contextos. Consideraremos, em particular, a distinção entre os verbos ditransitivos do tipo ‘dar’ (*core dative verbs*) e do tipo ‘enviar/atirar’ (*non-core dative verbs*), proposta por Rappaport-Hovav & Levin (2008). Como referido em Gonçalves (2016: 87), tendo por base a alternância dativa do inglês, Rappaport-Hovav & Levin (2008)

“não associam o evento que causa a mudança de possuidor apenas à CDO. O primeiro grupo, a que chamam *core dative verbs*, ocorre na CDO e na CDP, selecionando um argumento com o papel temático de Recipiente. Por sua vez, o segundo grupo – *non-core dative verbs* – selecionam um argumento com o papel temático de Recipiente ou de Alvo, podendo assim ocorrer na CDO e na CDP, no primeiro caso, ou unicamente na CDP, no segundo.”

Procuraremos, assim, perceber em que medida esta distinção entre duas classes de verbos dá conta da alternância entre CDO e CDP no olutyipungu. Além disso, procuraremos discutir a alternância do constituinte com o papel temático de Recipiente/Alvo com traços semânticos [+HUM] ou [+ANIM]. Faz igualmente parte deste estudo a identificação da ordem sintática canónica entre os dois objetos e do que origina a ocorrência de ordens não canónicas, que, como veremos, estão relacionadas com a estrutura informacional, bem como a pronominalização e a passivização do Tema e do Recipiente.

Hyman & Duranti (1982) referem que, nas línguas bantu, o acesso dos constituintes subcategorizados pelo verbo ao estatuto de objeto principal (ou primário) e a sua ocorrência em posição adjacente ao verbo estão fortemente ligados à presença do traço [+HUM] dos constituintes. No caso do olutyipungu, observaremos que a ordem dos constituintes subcategorizados pelo verbo é relativa, sendo que os traços semânticos selecionados pelo verbo influenciam a legitimação do argumento com o papel temático de Recipiente/Alvo.

4.2. Verbos de tipo ‘dar’ (*core dative verbs*)

Nesta secção, fizemos o levantamento de alguns verbos de tipo ‘dar’ (*core dative verbs*). De forma geral, estes verbos no olutyipungu são polissémicos. Por esta razão, de forma a delimitarmos a nossa descrição sintática, entendemos usar uma entrada lexical para cada verbo na sua tradução literal do olutyipungu para o português, de modo a facilitar a respetiva descrição semântica. Para este efeito, selecionámos os seguintes verbos: *okuihã* ‘dar, oferecer’, *okupa* ‘dar, oferecer’, *okuaandja* ‘distribuir, servir’, *okueeka* ‘entregar, distribuir’, *okutambeka* ‘entregar’.

O verbo *okupa* ‘dar, oferecer’, por exemplo, apresenta um comportamento similar ao do verbo *okuihã* ‘dar, oferecer’, o qual, como veremos, ocorre tipicamente

numa CDO. Por sua vez, com os verbos *okuaandja* ‘distribuir, servir’ e *okueeka* ‘entregar, distribuir’, que também são verbos de tipo ‘dar’ (*core dative verbs*), o argumento Recipiente é sempre introduzido pela preposição locativa/direcional *ku* (historicamente relacionada com a classe nominal 17, discutida na secção 3.2), não podendo ocorrer numa CDO. Por outro lado, o verbo *okutambeka* ‘entregar’ legitima a CDO e a CDP.

Nas subsecções seguintes, apresentaremos os dados relativos à ordem de palavras dos constituintes, bem como da pronominalização dos objetos e da passivização.

4.2.1. Ordem de palavras

O verbo *okuihã*¹⁸ ‘dar, oferecer’ destaca-se dos demais verbos ditransitivos, por tipicamente apenas admitir a CDO e Recipientes com o traço [+HUM]. O verbo *okupa* ‘dar, oferecer’, do qual *okuihã* é sinónimo perfeito, apresenta o mesmo comportamento sintático.

- (26) a. *Tyalimwa wa-ih-ã* ***Katumbu*** *ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-dar-VF Katumbu 9.boi
 b. *Tyalimwa wa-ih-ã* *ongombe* ***Katumbu.***
 Tyalimwa CS1.PSD-dar-VF 9.boi Katumbu
 Ambas: ‘Tyalimwa deu o boi a Katumbu.’¹⁹

- (27) a. *Tyalimwa wa-ih-ã* ***ongombe*** *omongwa.*
 Tyalimwa CS1.PSD-dar-VF 9.boi 9.sal
 b. *Tyalimwa wa-ih-ã* *omongwa* ***ongombe.***
 Tyalimwa CS1.PSD-dar-VF 9.sal 9.boi
 Ambas: ‘Tyalimwa deu o sal ao boi.’

Veja-se, em (28), a agramaticalidade da CDP com o Recipiente [+HUM] introduzido pelo marcador locativo *ku*, que, como veremos, introduz Recipientes com outros verbos ditransitivos. Deste modo, estes verbos do *olutyipungu* distinguem-se, por exemplo, do

¹⁸ Como vimos no capítulo anterior, a forma infinitiva dos verbos é indicada através do prefixo *oku-* da classe 15, que tipicamente não ocorre quando o verbo é flexionado.

¹⁹ Uma vez que as estruturas ditransitivas do *olutyipungu* apresentam diferenças tipológicas em relação ao português (europeu), optámos por incluir apenas a tradução da ordem canónica do português.

inglês, onde se verifica a alternância entre CDO e CDP com o verbo *give* ‘dar’ com Recipientes com o traço [+ANIM].

- (28) a. **Tyalimwa wa-ih-ã ku Katumbu ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-dar-VF LOC Katumbu 9.boi
 b. **Tyalimwa wa-ih-ã ongombe ku Katumbu.*
 Tyalimwa CS1.PSD-dar-VF 9.boi LOC Katumbu

Além disso, as CDO do olutyipungu podem apresentar duas ordens de palavras: (i) a ordem não marcada Recipiente-Tema, ilustrada nos exemplos (26.a) e (27.a), utilizada, por exemplo, quando toda a frase constitui informação nova; e (ii) a ordem marcada Tema-Recipiente, nos exemplos (26.b) e (27.b), em que o Tema ocorre em adjacência ao verbo e constitui a informação nova. No olutyipungu, como em diversas outras línguas bantu, o foco informacional ocorre na posição pós-verbal, isto é, adjacente à direita do complexo verbal (e.g. discussão em Van der Wal 2015).

A gramaticalidade das CDO em (26-27) depende dos traços semânticos do Recipiente que o verbo *okuihã* ‘dar, oferecer’ seleciona, sendo que o argumento com o papel temático Recipiente tem de apresentar obrigatoriamente o traço semântico [+ANIM], ao passo que o Tema pode apresentar os traços semânticos [±ANIM] e/ou [-ANIM].

Apesar de tipicamente o verbo *okuihã* ‘dar, oferecer’ não legitimar Recipientes [-ANIM], nos exemplos seguintes, observa-se que a CDO é legitimada com o Recipiente *ekongelo* ‘congregação’, mas não com *oxikola* ‘escola’ (cf. (29-30)).

- (29) a. *Tyalimwa wa-ih-ã ekongelo ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-dar-VF 5.congregação 9.boi
 b. *Tyalimwa wa-ih-ã ongombe ekongelo.*
 Tyalimwa CS1.PSD-dar-VF 9.boi 5.congregação
 Ambas: ‘*Tyalimwa* deu o boi à congregação.’
- (30) a. **Tyalimwa wa-ih-ã oxikola ongombe*
 Tyalimwa CS1.PSD-dar-VF 9. escola 9.boi
 b. **Tyalimwa wa-ih-ã ongombe oxikola.*
 Tyalimwa CS1.PSD-dar-VF 9.boi 9.escola
 Ambas: ‘*Tyalimwa* deu o boi à escola.’

Consideramos que o contraste é explicável pelo facto de o Recipiente ‘congregação’ representar uma entidade ou instituição coletiva composta por elementos com o traço [+HUM], pelo que esse traço semântico legitima a CDO. Contudo, com um constituinte [-ANIM] como *oxikola* ‘escola’, a CDO resulta agramatical, por neste caso não remeter para uma instituição composta por elementos [+HUM], mas sim para uma infraestrutura que funciona verdadeiramente como um Locativo com o traço semântico [-ANIM].²⁰

Além disso, nestes contextos em que está envolvido um Recipiente [-ANIM], composto ou não por elementos com o traço semântico [+HUM], os verbos *okuihã* ‘dar, oferecer’ e *okupa* ‘dar, oferecer’ legitimam a CDP com o marcador locativo *ku*, conforme ilustramos em (31), sendo igualmente possíveis as duas ordens sintáticas.²¹ Ainda assim, a legitimação do Recipiente com traços semânticos [-ANIM] introduzido pela preposição locativa/direcional ocorre também com os outros verbos do tipo ‘dar’ (*core dative verbs*).²²

- (31) a. *Tyalimwa wa-ih-ã* *ongombe* ***k’ekongelo/k’oxikola***.
 Tyalimwa CS1.PSD-dar-VF 9.boi LOC.5.congregação/LOC.9.escola
- b. *Tyalimwa wa-ih-ã* ***k’ekongelo/ k’oxikola*** *ongombe*
 Tyalimwa CS1.PSD-dar-VF LOC.5.congregação/LOC.9.escola 9.boi
- Ambas: ‘Tyalimwa deu o boi à congregação/à escola.’

Tal como referimos acima, o estatuto informacional dos constituintes determina a sua ordem. O constituinte introduzido por *ku* (aqui na forma truncada *k’*) ocorre, por defeito, mais à direita, nomeadamente quando toda a frase constitui informação nova, mas pode ocorrer em adjacência ao verbo quando constitui o foco informacional (informação nova).

A excecionalidade dos verbos *okuihã* ‘dar, oferecer’ e *okupa* ‘dar, oferecer’ é, de resto, corroborada pelos dados de outros verbos ditransitivos do tipo *core dative verbs*, como *okuaandja* ‘distribuir/servir’ e *okueeka* ‘entregar’, que obrigam ao uso do locativo *ku* para introduzir o Recipiente com o traço semântico [\pm ANIM].

²⁰ A entidade correspondente com traços [+HUM] é *ovalongefi* ‘conjunto de professores, catequistas’.

²¹ Note-se o locativo *ku* é reduzido a *k* (graficamente <k’>) quando é seguido de uma vogal, o que ocorre praticamente sempre, uma vez que as classes nominais se iniciam por vogal. Cf. discussão na secção 3.2.

²² Cf. na Tabela 5 verbos de tipo *dar* (*core dative verbs*).

- (32) a. *Tyalimwa wa-anj-a onongombe k'ovanthu.*
 Tyalimwa CS1.PSD-distribuir-VF 10.boi LOC.2.pessoa
- b. *Tyalimwa wa-anj-a k'ovanthu onongombe*
 Tyalimwa CS1.PSD-distribuir-VF LOC.2.pessoa 10.boi
 Ambas: 'Tyalimwa distribuiu os bois pelas pessoas.'
- (33) a. *Tyalimwa wa-anj-a onongombe*
 Tyalimwa CS1.PSD-distribuir-VF 10.boi
k'omakongelo/ k'onoxikola.
 LOC.6.congregação/LOC.10.oxikola
- b. *Tyalimwa wa-anj-a k'omakongelo/k'onoxikola*
 Tyalimwa CS1.PSD-distribuir-VF LOC.6.congregação/LOC.10.escola
onongombe
 10.boi
 Ambas: 'Tyalimwa distribuiu os bois pelas congregações/pelas escolas.'
- (34) a. *Tyalimwa wa-EEK-a ongombe ku Katumbu.*
 Tyalimwa CS1.PSD-entregar-VF 9.boi LOC Katumbu
- b. *Tyalimwa wa-EEka ku Katumbu ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-entregar-VF LOC Katumbu 9.boi
 Ambas: 'Tyalimwa entregou o boi a Katumbu.'
- (35) a. *Tyalimwa wa-EEK-a ongombe*
 Tyalimwa CS1.PSD-entregar-VF 9.boi
k'ekongelo/k'oxikola.
 LOC.5.congregação/LOC.9.oxikola
- b. *Tyalimwa wa-EEK-a k'ekongelo/k'oxikola*
 Tyalimwa CS1.PSD-entregar-VF LOC.5.congregação/LOC.9.escola
ongombe
 9.boi
 Ambas: 'Tyalimwa entregou o boi à congregação/escola.'

Como se pode observar nos exemplos agramaticais a seguir, estes verbos não admitem a CDO, independentemente de selecionarem argumentos Recipientes com o traço

semântico [+HUM] ou [+ANIM]) e da ordem de palavras Tema-Recipiente ou Recipiente-Tema.

- (36) a. **Tyalimwa wa-anj-a* ***Katumbu*** *ongombe*.
 Tyalimwa CS1.PSD-distribuir-VF *Katumbu* 9.boi
 b. **Tyalimwa wa-anj-a* *ongombe* ***Katumbu***.
 Tyalimwa CS1.PSD-distribuir-VF 9.boi *Katumbu*
- (37) a. **Tyalimwa wa-ek-a* ***Katumbu*** *ongombe*.
 Tyalimwa CS1.PSD-entregar-VF *Katumbu* 9.boi
 b. **Tyalimwa wa-ek-a* *ongombe* ***Katumbu***.
 Tyalimwa CS1.PSD-entregar-VF 9.boi *Katumbu*
- (38) a. **Tyalimwa wa-anj-a* *ongombe* *omongwa*.
 Tyalimwa CS1.PSD-distribuir-VF 9.boi 9.sal
 b. **Tyalimwa wa-anj-a* *omongwa* ***ongombe***.
 Tyalimwa CS1.PSD-distribuir-VF 9.sal 9.boi
- (39) a. **Tyalimwa wa-ek-a* ***ekongelo/oxikola*** *ongombe*.
 Tyalimwa CS1.PSD-entregar-VF 5.congregação/9.escola 9.boi
 b. **Tyalimwa wa-anj-a* *ongombe* ***ekongelo/oxikola***.
 Tyalimwa CS1.PSD-distribuir-VF 9.boi 5.congregação/9.escola

Em suma, existe um claro contraste entre o verbo *okuihã* ‘dar’ (e *okupa*), que legitima(m) a CDO com Recipientes [+HUM] e admite(m) alternância entre CDO e CDP na presença de um Recipiente [-ANIM] que seja interpretável como [+ANIM], e os verbos ditransitivos *okuaanja* ‘distribuir, servir’ e *okueeka* ‘entregar, deixar’, que apenas aceitam a CDP.

Por fim, veja-se que o verbo *okutambeka* ‘entregar’, da classe dos *core dative verbs*, legitima tanto CDO como a CDP, distinguindo-se, assim, tanto de *okuihã* ‘dar’, como de *okuaandja* ‘distribuir, servir’ e de *okueeka* ‘entregar, distribuir’, sendo que os objetos [-ANIM] com traços [-HUM] apenas ocorrem na CDP (cf. (40)).

- (40) a. *Tyalimwa wa-tambek-a* **Katumbu** *ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-entregar-VF Katumbu 9.boi
- b. *Tyalimwa wa-tambek-a* *ongombe* **Katumbu.**
 Tyalimwa CS1.PSD-entregar-VF 9.boi Katumbu
 Ambas: ‘Tyalimwa entregou o boi a Katumbu.’
- (41) a. *Tyalimwa wa-tambek-a* *ongombe* **ku** **Katumbu.**
 Tyalimwa CS1.PSD-entregar-VF 9.boi LOC Katumbu
- b. *Tyalimwa wa-tambek-a* **ku** **Katumbu** *ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-entregar-VF LOC Katumbu 9.boi
 Ambas: ‘Tyalimwa entregou um boi a Katumbu.’
- (42) a. *Tyalimwa wa-tambek-a* **ekongelo/*oxikola** *ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-entregar-VF 5.congregação/9.escola 9.boi
- b. *Tyalimwa wa-tambek-a* *ongombe* **ekongelo/*oxikola.**
 Tyalimwa CS1.PSD-entregar-VF 9.boi 5.congregação/9.escola
 Ambas: ‘Tyalimwa entregou o boi à congregação.’
- (43) a. *Tyalimwa wa-tambek-a* *ongombe*
 Tyalimwa CS1.PSD-entregar-VF 9.boi
k’ekongelo/k’oxikola.
 LOC.5.congregação/LOC.9.escola
- b. *Tyalimwa wa-tambek-a* **k’ekongelo/k’oxikola**
 Tyalimwa CS1.PSD-entregar-VF LOC.5.congregação/LOC.9.escola
ongombe.
 9.boi
 Ambas: ‘Tyalimwa entregou um boi à congregação/à escola.’

Na secção seguinte, analisaremos, do ponto de vista da pronominalização dos objetos, os dados apresentados nesta secção.

4.2.2. Pronominalização

Esta secção descreve as propriedades associadas à pronominalização dos objetos discutidos na secção anterior, com o objetivo de identificar padrões de simetria e assimetria. As línguas bantu são conhecidas pelo facto de tipicamente permitirem a prefixação do(s) objeto(s) pronominalizados ao radical do verbo ou de “redobram” objeto plenos com um prefixo pré-radical.²³

Os exemplos seguintes ilustram a pronominalização dos objetos com o verbo *okuihã* ‘dar, oferecer’ (cf. (26-27) acima). O Recipiente e Tema são pronominalizados mediante um prefixo pré-radical que concorda com a classe nominal, por exemplo *mu-* (classe 1), *i-* (classe 9) e *-li* (classe 5), respetivamente nos exemplos (44.a), (44-45.b) e (46.b) abaixo, independentemente do traço de animacidade.

- (44) a. *Tyalimwa we-mu-ih-ã* *ongombe.*
Tyalimwa CS1.PSD-MO1-dar-VF 9.boi
‘Tyalimwa deu-**lhe** o boi.’ (= a Katumbu)
- b. *Tyalimwa we-i-ih-ã* *Katumbu.*
Tyalimwa CS1.PSD-MO9-dar.VF Katumbu
‘Tyalimwa deu-**o** a Katumbu.’ (= o boi)
- c. *Tyalimwa we-mu-ih-ã-yo.*
Tyalimwa CS1.PSD-MO1-dar-VF-IO9
‘Tyalimwa deu-**lho.**’ (= o boi a Katumbu)
- (45) a. *Tyalimwa we-li-ih-ã* *ongombe.*
Tyalimwa CS1.PSD-MO5-dar-VF 9.boi
‘Tyalimwa deu-**lhe** o boi.’ (= à congregação)
- b. *Tyalimwa we-i-ih-ã* *ekongelo.*
Tyalimwa CS1.PSD-MO9-dar-VF 5.congregação
‘Tyalimwa deu-**o** à congregação.’ (= o boi)
- c. *Tyalimwa we-li-ih-ã-yo.*
Tyalimwa CS1.PSD-MO5-dar-VF-IO9
‘Tyalimwa deu-**lho.**’ (= o boi à congregação)

²³ Conforme referimos na secção 3.3 (v. ex. (21)), o redobro está relacionado com a estrutura informacional e carece de aprofundamento em trabalhos futuros.

- (46) a. *Tyalimwa we-i-ihã* *eefo*.²⁴
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-dar-VF 5.folha
 ‘Tyalimwa deu-**lhe** a folha.’ (= ao boi)
- b. *Tyalimwa we-li-ih-ã* *ongombe*.
 Tyalimwa CS1.PSD-MO5-dar-VF 9.boi
 ‘Tyalimwa deu-**a** ao boi’. (= a folha)
- c. *Tyalimwa we-i-ih-ã-lio*.
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-dar-VF-IO5
 ‘Tyalimwa deu-**lha**’. (= a folha ao boi)

No entanto, quando dois objetos partilham o traço [+HUM], apenas o Recipiente pode ser prefixado ao radical do verbo em contexto de dupla pronominalização, como ilustra em particular o exemplo (47.d), onde tanto *omona* ‘criança’ como o nome próprio *Katumbu* pertencem à classe nominal 1.

- (47) a. *Tyalimwa wa-ih-ã* *omona* *Katumbu*.
 Tyalimwa CS1.PSD-dar-VF 1.criança Katumbu
 ‘Tyalimwa deu a criança a Katumbu.’
- b. *Tyalimwa we-mu-ih-ã* *Katumbu*.
 Tyalimwa CS1.PSD-MO1-dar-VF Katumbu
 ‘Tyalimwa deu-**a** a Katumbu.’ (= a criança)
- c. *Tyalimwa we-mu-ih-ã* *omona*.
 Tyalimwa CS1.PSD-MO1-dar-VF 1.criança
 ‘Tyalimwa deu-**lhe** a criança.’ (= a Katumbu)
- d. *Tyalimwa we-mu-ih-ã-ye*.
 Tyalimwa CS1.PSD-MO1-dar-VF-IO1
 ‘Tyalimwa deu-lha.’ (mu= Katumbu; ye= criança)

Nos exemplos acima com objetos [+ANIM] também se verificam outras propriedades tipológicas importantes do olutyipungu, designadamente a impossibilidade de ocorrência de dupla prefixação correspondente aos dois objetos à esquerda do verbo. Mais especificamente, os exemplos em (44-46.c) acima mostram que, em casos de

²⁴ Neste exemplo substituímos ‘sal’ (classe 9) por ‘folha’ (classe 5) para tornar mais claro como os objetos pronominalizam.

dupla pronominalização, o Recipiente é prefixado ao radical do verbo e o Tema [-HUM] se manifesta na forma do índice de objeto, que é sufixado ao complexo verbal (-yo e -lio) e apresenta concordância, pertencendo, no entanto, a um paradigma de afixos distinto dos prefixos de concordância em posição pré-radical (cf. *li-*, *i-* vs. *-yo*, *-lio*).²⁵ Em caso de pronominalização de um Tema e de um Recipiente que apresentam ambos os traços [+HUM], no entanto, o Recipiente é prefixado ao radical do verbo e o Tema sufixado ao complexo verbal (cf. (47.d)).

Esta tipologia “mista” observada no olutyipungu é uma das três tipologias do bantu referidos em Marten & Kula (2012). As outras duas incluem línguas bantu cujos marcadores de objeto são sempre prefixos (e por isso são recursivos), e línguas bantu que apresentam apenas marcadores pós-verbais, frequentemente morfemas livres. Estes últimos são mais típicos nas línguas bantu do nordeste e os primeiros nas da região leste e sul. É mais tipicamente nas regiões intermédias que podemos encontrar línguas com a estratégia mista, como por exemplo o lunda (Marten & Kula 2012), sem, no entanto, excluir línguas de outras regiões, como o comoriano, falado nas ilhas Comores, pertencente ao bantu oriental (Creissels 2005).

Na presença de um Recipiente com o traço semântico [-ANIM], como *ekongelo* ‘congregação’ (cf. (29)), sem marcador locativo, o comportamento é idêntico às estruturas [+ANIM] acima, como se ilustra em (48).

- (48) a. *Tyalimwa we-li-ih-ã* *ongombe*.
 Tyalimwa CS1.PSD-MO5-dar-VF 9.boi
 ‘Tyalimwa deu-**lhe** o boi’ (= à congregação)
- b. *Tyalimwa we-i-ih-ã* *ekongelo*.
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-dar-VF 5.congregação
 ‘Tyalimwa deu-**o** à congregação’. (= o boi)
- c. *Tyalimwa we-li-i-hã-yo*.
 Tyalimwa CS1.PSD-MO5-dar-VF-IO9.
 ‘Tyalimwa deu-**lho**’. (= o boi à congregação)

Na presença de um marcador locativo, no entanto, um padrão de pronominalização distinto emerge dos dados, como se pode observar em (49).

²⁵ Apesar de ser um paradigma distinto, facilmente se percebe que se trata da forma do prefixo pré-radical e a vogal o, que corresponde à vogal inicial típica das diferentes classes nominais (cf. secção 3.2).

- (49) a. *Tyalimwa wa-ih-ã ongombe k'ekongelo.*
 Tyalimwa CS1.PSD-dar-VF 9.boi LOC.5.congregação
 ‘Tyalimwa deu o boi à congregação.’
- b. *Tyalimwa wa-ih-ã-ko ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-dar-VF-LOC 9.boi
 ‘Tyalimwa deu o boi **lá**.’ (= lit. na congregação)
- c. *Tyalimwa we-i-ih-ã-ko.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-dar-VF-LOC
 ‘Tyalimwa deu-**o lá**.’ (= lit na congregação)

A tradução dos exemplos em (49) acima mostra que a utilização do marcador locativo nestes casos induz uma leitura verdadeiramente locativa, isto é, o local onde foi dado o boi e não o Recipiente do boi.

Considerando o formato CDO, o verbo *okutambeka* ‘entregar’ apresenta um comportamento de pronominalização idêntico ao verbo *okuihã* acima.

- (50) a. *Tyalimwa we-mu-tambek-a ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO1-entregar-VF 9.boi
 ‘Tyalimwa entregou-**lhe** um boi’. (= a Katumbu)
- b. *Tyalimwa we-i-tambek-a Katumbu.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-entregar-VF Katumbu
 ‘Tyalimwa entregou-**o** a Katumbu.’ (=o boi)
- c. *Tyalimwa we-mu-tambek-a-yo.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO1-entregar-VF-IO9
 ‘Tyalimwa entregou-**lho**.’ (= o boi a Katumbu)

- (51) a. *Tyalimwa wa-tambek-a onokopo ekongelo.*
 Tyalimwa CS1.PSD-entregar-VF 10.copo 5.congregação
 ‘Tyalimwa entregou os copos à congregação.’
- b. *Tyalimwa we-li-tambek-a onokopo.*
 Tyalimwa CS1.PSD.MO5-entregar-VF 10.copo
 ‘Tyalimwa entregou-lhe os copos’
- c. *Tyalimwa we-vi-tambek-a ekongelo.*²⁶
 Tyalimwa CS1.PSD-MO10-entregar-VF 5.congregação
 ‘Tyalimwa entregou-os à congregação.’
- d. *Tyalimwa we-li-tambek-a-vio.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO5-entregar-VF-IO10.
 ‘Tyalimwa entregou-lhos.’

Como vimos, o verbo *okutambeka* também pode ocorrer na CDP. O exemplo seguinte mostra que, neste caso, o Locativo introduzido por *ku* é sufixado na posição pós-verbal e o Tema prefixado ao radical do verbo. O mesmo se aplica quando o Alvo é [+ANIM], por exemplo, *ku Katumbu* (= o lugar onde está Katumbu).

- (52) a. *Tyalimwa we-i-tambek-a k'oxikola.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-entregar-VF LOC.9.escola
 ‘Tyalimwa entregou-o à escola.’
- b. *Tyalimwa wa-tambek-a-ko ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-entregar-VF-LOC 9.boi
 ‘Tyalimwa entregou o boi lá.’
- c. *Tyalimwa we-i-tambek-a-ko.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-entregar-VF-LOC
 ‘Tyalimwa entregou-o lá.’

Como tínhamos constatado na secção anterior, os verbos *okuaandja* ‘distribuir, servir’ e *okueeka* ‘entregar’ apresentam um comportamento idêntico, o que também se verifica do ponto de vista da pronominalização, aqui exemplificada com *okueeka* apenas.

²⁶ Neste exemplo e no exemplo (124.d), a prefixação e a sufixação do objeto ‘copos’ (classe 10), respetivamente, são feitas na classe 8 (*vi-*, *-vio*).

- (53) a. *Tyalimwa we-i-eek-a* *ku Katumbu*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-entregar-VF LOC Katumbu
 ‘Tyalimwa entregou-o a Katumbu.’ (= o boi)
- b. *Tyalimwa wa-eek-a-ko* *ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-entregar-VF-LOC 9.boi
 ‘Tyalimwa entregou o boi lá.’ (= o lugar onde está Katumbu)
- c. *Tyalimwa we-i-eek-a-ko.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-entregar-VF-LOC
 ‘Tyalimwa entregou-o lá.’ (= o boi no lugar onde está Katumbu)
- (54) a. *Tyalimwa we-i-eek-a* *k’ekongelo.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-dar-VF LOC.5.congregação
 ‘Tyalimwa entregou-o à congregação.’ (= o boi)
- b. *Tyalimwa wa-eek-a-ko* *ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-entregar-VF-LOC 9.boi
 ‘O Tyalimwa entregou o boi lá (= à congregação).’
- c. *Tyalimwa we-i-eek-a-ko.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-entregar-VF-LOC
 ‘Tyalimwa entregou-o lá.’ (=o boi à congregação).

Estes exemplos mostram que *okuaandja* e *okueeka* são distintos de *okuihã*, pelo facto de apenas legitimarem a CDP. Além disso, quando constituintes [\pm ANIM] introduzidos por *ku* são pronominalizados, ocorre obrigatoriamente o sufixo *-ko*, não sendo possível, ao contrário dos Temas, prefixá-los ao radical do verbo (cf. (53-54)). A interpretação de Recipiente apenas está disponível nos exemplos com DPs plenos (cf. (32) e (34)). Em contextos de pronominalização, a interpretação é, obrigatoriamente, de locativo.

A sufixação do locativo na posição pós-verbal é uma característica comum nas línguas bantu, mesmo que não apresentem o índice de objeto que caracteriza o olutyipungu. Embora se possa aplicar o mesmo raciocínio a *okuihã*, no caso deste verbo está também disponível a CDO, que permite o tratamento de objetos [-ANIM] como Recipientes em vez de Locativos.

De uma forma geral, os dados desta secção mostram que, na hierarquia temática do olutyipungu, os Recipientes têm precedência em relação aos Locativos e que a animacidade dos dois objetos também é determinante na hierarquização: Recipientes

[+HUM] têm mais prominência do que Temas [-HUM, ±ANIM], ao passo que Temas [+HUM] são mais prominentes do que Recipientes e Locativos.

4.2.3. Passivização

Esta secção descreve as propriedades associadas à passivização dos objetos discutidos nas secções anteriores, com o objetivo de identificar (as)simetrias.

Os exemplos abaixo mostram que, no olutyipungu, com o verbo *okuihã* ‘dar, oferecer’, os dois argumentos internos da CDO podem constituir o sujeito de frases passivas, independentemente do traço [±HUM] do Recipiente (cf. (55-57)).

- (55) a. **Katumbu** *wa-ih-w-ã* *ongombe* (*na Tyalimwa*).
 Katumbu CS.PSD-dar-PASS-VF 9.boi PREP Tyalimwa
 Lit. ‘Katumbu foi dada um boi por Tyalimwa.’²⁷
- b. **Ongombe** *ya-ih-w-ã* *Katumbu* (*na Tyalimwa*).
 9.boi CS9.PSD-dar-PASS-VF Katumbu (PREP Tyalimwa)
 ‘Um/O boi foi dado a Katumbu por Tyalimwa.’
- (56) a. **Ongombe** *ya-ih-w-a* *omongua* (*na Tyalimwa*).
 9.boi CS9.PSD-dar-PASS-VF 9.sal (PREP Tyalimwa)
 Lit. ‘O boi foi dado o sal por Tyalimwa.’
- b. **Omongua** *wa-ih-w-a* *ongombe* (*na Tyalimwa*).
 9.sal CS9.PSD-dar-PASS-VF 9.boi (PREP Tyalimwa)
 ‘O sal foi dado ao boi por Tyalimwa.’
- (57) a. **Ekongelo** *lia-ih-w-ã* *ongombe* (*na Tyalimwa*)
 5.congregação CS5.PSD-dar-PASS-VF 9.boi (PREP Tyalimwa)
 Lit. ‘A congregação foi dada o boi por Tyalimwa.’
- b. **Ongombe** *ya-ih-w-ã* *ekongelo* (*na Tyalimwa*)
 9.boi CS9.PSD-dar-PASS-VF 5.congregação (PREP Tyalimwa)
 ‘O boi foi dado à congregação por Tyalimwa.’

²⁷ Embora apresentemos na tradução a preposição *por* a introduzir o agente da passiva, note-se que, em *olutyipungu*, a preposição *na* é comitativa (‘com’).

- (60) a. **Ku Katumbu** *kwa-eek-w-a* *ongombe*
 LOC Katumbu CS17.PSD-entregar -PASS-VF 9.boi
 (*na Tyalimwa*).
 PREP Tyalimwa
 Lit. ‘Katumbu foi entregue o boi por Tyalimwa.’
- b. **Ongombe** *ya-eek-w-a* *ku Katumbu*
 9.boi CS9.PSD-entregar-PASS-VF LOC Katumbu
 (*na Tyalimwa*).
 PREP Tyalimwa
 ‘O boi foi entregue a Katumbu por Tyalimwa.’
- (61) a. **K’ekongelo/k’oxikola** *kwa-eek-w-a*
 LOC.5.congregação/LOC.9.escola CS17.PSD-entregar-PASS-VF
ongombe (na Tyalimwa).
 9.boi PREP Tyalimwa
 Lit. ‘A congregação/escola foi entregue o boi por Tyalimwa.’
- b. **Ongombe** *ya-eek-w-a* *k’ekongelo/k’oxikola*
 9.boi CS9.PSD-entregar-PASS-VF LOC.5.congregação/LOC.9.escola
na Tyalimwa.
 PREP Tyalimwa
 ‘O boi foi entregue à congregação/escola por Tyalimwa.’

Por fim, na secção 4.2.1 constatou-se que o verbo *okutambeka* ‘entregar’ admite a CDO e a CDP. O teste da passivização mostra que nestes dois formatos é possível promover os dois objetos a sujeito da passiva, independentemente de serem preposicionados ou não.

- (62) a. **Ongombe** *ya-tambek-w-a* (ku) *Katumbu na Tyalimwa*.
 9.boi CS9.PSD-entregar-PASS-VF(LOC) Katumbu PREP Tyalimwa
 ‘O boi foi entregue a Katumbu por Tyalimwa.’
- b. **Katumbu** *wa-tambek-w-a* *ongombe na Tyalimwa*.
 Katumbu CS1.PSD-entregar-PASS-VF 9.boi PREP Tyalimwa
 Lit. ‘Katumbu foi entregue o boi pela Tyalimwa.’
- c. **Ku Katumbu** *kwa-tambek-w-a* *ongombe na T*.
 LOC Katumbu CS17.PSD-entregar-PASS-VF 9.boi PREP T.
 Lit. ‘Na Katumbu foi entregue o boi pela Tyalimwa.’
- (63) a. **Ongombe** *ya-tambek-w-a* *k’ekongelo na T*.
 9.boi CS9.PSD-entregar-PASS-VF LOC.5.congregação PREP T.
 ‘O boi foi entregue à congregação por Tyalimwa.’
- b. **K’ekongelo** *kwa-tambek-w-a* *ongombe na T*.
 LOC.5.congregação CS17.PSD-entregar-PASS-VF 9 boi PREP T.
 Lit. ‘Na congregação foi entregue o boi por Tyalimwa.’

Conclui-se que do ponto de vista da passivização, o olutyipungu é uma língua que apresenta simetria entre os dois objetos, uma vez que ambos podem ser promovidos a sujeito da passiva, induzindo concordância de sujeito no complexo verbal. Salienta-se também o facto de o olutyipungu permitir a ocorrência do *by-phrase*, introduzida pela preposição comitativa *na*, que expressa o agente da passiva.

4.3 Verbos do tipo ‘enviar/atirar’ (non-core datives)

Nesta secção, trataremos alguns verbos de tipo ‘enviar/atirar’ – os chamados *non-core datives*, de acordo com a distinção proposta por Rappaport-Hovav & Levin (2008). Consideraremos três verbos desta classe: o verbo *okutumifa* ‘mandar/enviar’, o verbo *okutuala* ‘levar’ e o verbo *okukupula* ‘atirar, jogar, arremessar’. Estes verbos selecionam dois argumentos, o Tema e o Alvo, que pode apresentar o traço semântico [\pm ANIM], e licenciam a CDO e/ou a CDP, conforme mostraremos em seguida.

Nas subsecções seguintes, apresentaremos os dados relativos à ordem de palavras dos constituintes, bem como da pronominalização dos objetos e da passivização, seguindo a organização do tratamento dos *core dative verbs*.

4.3.1. Ordem de palavras

O verbo correspondente a ‘mandar/enviar’ no olutyipungu é um verbo derivado *okutumifa* no qual *-if* é a extensão causativa, que legitima a CDO e a CDP com argumentos Alvo com o traço [+HUM], como ilustram os exemplos (64-65). Contudo, na presença de um Alvo [-ANIM], *oluii* ‘rio’, apenas a CDP introduzida pelo marcador locativo *ku* permite obter enunciados gramaticais.²⁸

(64) a. *Tyalimwa wa-tum-if-a* ***Katumbu/*oluii*** *ongombe*.

Tyalimwa CS1.PSD-enviar-CAUS-VF Katumbu/9.rio 9.boi

b. *Tyalimwa wa-tum-if-a* *ongombe* ***Katumbu/*oluii***.

Tyalimwa CS1.PSD-enviar-CAUS-VF 9.boi Katumbu/9.rio

Ambas: Lit. ‘Tyalimwa mandou/enviou um boi a Katumbu.’

(65) a. *Tyalimwa wa-tum-if-a* *ongombe* ***ku Katumbu/k’oluii***.

Tyalimwa CS1.PSD-enviar-CAUS-VF 9.boi LOC Katumbu/LOC.9.rio

b. *Tyalimwa wa-tum-if-a* ***ku Katumbu/k’oluii*** *ongombe*.

Tyalimwa CS1.PSD-enviar-CAUS-VF LOC Katumbu/LOC.9.rio 9.boi

Ambas: Lit. ‘Tyalimwa mandou/enviou um boi a(o lugar onde está) Katumbu/ao rio.’²⁹

Embora, no olutyipungu, o verbo *okutumifa* ‘mandar/enviar’ (e *okukupula* ‘atirar’, como veremos mais adiante) legitime a CDO e a CDP com argumentos [+ANIM], há diferenças semânticas entre as duas estruturas. A CDO expressa transferência de posse. Sendo o argumento *oluii* ‘rio’ um Locativo, e portanto [-ANIM], a leitura de transferência de posse em (64) não está disponível, o que explica a agramaticalidade do enunciado. Apenas Alvos com o traço [+ANIM] podem ser interpretados como Recipientes e ocorrer na CDO (e.g. Rappaport-Hovav & Levin 2008; Gonçalves 2016). Por outro lado, em (65), o argumento introduzido pelo morfema locativo *ku* expressa o Alvo (Locativo), isto é, o local onde se encontra Katumbu, pelo que a CDP é legitimada. Ademais, tanto na CDO como na CDP são gramaticais as duas ordens,

²⁸ O verbo não derivado *okutuma* tem propriedades que não são tratadas neste trabalho, como, por exemplo, o facto de funcionar como verbo de controlo.

²⁹ Usamos aqui a preposição ‘a’ do português na expressão do Alvo locativo, mas a mesma pode ser substituída por ‘para’, quando a transferência envolve permanência no local de destino.

nomeadamente a ordem não marcada, nos exemplos a., e a ordem marcada, nos exemplos b., onde o argumento adjacente ao verbo corresponde ao foco informacional.

Entidades coletivas com o traço semântico [-ANIM], compostas por elementos com o traço [+HUM], podem ocorrer quer na CDO quer na CDP, como exemplificado em (66). Quando a interpretação é locativa, isto é, o local geográfico onde se encontra a congregação, ocorre obrigatoriamente a CDP. Esta diferença ficará ainda mais evidente nos exemplos da pronominalização dos objetos na secção seguinte.

- (66) a. *Tyalimwa wa-tum-if-a ekongelo ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-enviar-CAUS-VF 5.congregação 9.boi
 b. *Tyalimwa wa-tum-if-a ongombe ekongelo.*
 Tyalimwa CS1.PSD-enviar-CAUS-VF 9.boi 5.congregação
 Ambas: Lit. ‘Tyalimwa mandou/enviou um boi para a congregação.’
 (interpretação de Recipiente)

- (67) a. *Tyalimwa wa-tum-if-a ongombe k’ekongelo.*
 Tyalimwa CS1.PSD-enviar-CAUS-VF 9.boi LOC.5.congregação
 b. *Tyalimwa wa-tum-if-a k’ekongelo ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-enviar-CAUS-VF LOC.5.congregação 9.boi
 Ambas: Lit. ‘Tyalimwa mandou/enviou o boi para a congregação.’
 (interpretação locativa)

O verbo *okutuala* ‘levar’, por outro lado, apresenta um comportamento sintático distinto, uma vez que seleciona obrigatoriamente a CDP introduzida por *ku*, independentemente da animacidade do Alvo, conforme ilustrado a seguir no contraste entre (68) e (69).

- (68) a. *Tyalimwa wa-tual-a ongombe ku Katumbu/k’oluii.*
 Tyalimwa CS1.PSD-levar-VF 9.boi LOC Katumbu/9.rio
 b. *Tyalimwa wa-tual-a ku Katumbu/k’oluii ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-levar-VF LOC Katumbu/9.rio 9.boi
 Ambas: ‘Tyalimwa levou o boi a/para Katumbu/ao rio.’

- (69) a. **Tyalimwa wa-tual-a* *ongombe* ***Katumbu/oluii***.
 Tyalimwa CS1.PSD-levar-VF 9.boi Katumbu/rio
- b. **Tyalimwa wa-tual-a* ***Katumbu/oluii*** *ongombe*.
 Tyalimwa CS1.PSD-levar-VF Katumbu/rio 9.boi

Os exemplos acima ilustram que, embora denotem a transferência de uma entidade e envolvam movimento, integrando, por isso, a classe dos *non-core dative verbs*, os verbos *okutumifa* ‘mandar/enviar’ e *okutuala* ‘levar’ exibem um comportamento distinto. A diferença pode ser explicada pelo facto de o verbo *okutumifa* ‘mandar/enviar’ poder seleccionar argumentos com o traço Recipiente (CDO) ou Alvo (CDP), ao passo que as propriedades de seleção *okutuala* ‘levar’ se limitam ao Alvo (Locativo, não interpretável, portanto, como Recipiente).³⁰

A par de outros verbos de movimento da classe dos *non-core datives* descritos acima, o verbo de movimento balístico *okukupula* ‘atirar, jogar, arremessar’, na estrutura das construções ditransitivas, subcategoriza um Alvo com traços [\pm ANIM]. Se o Alvo for [+ANIM], a CDO e a CDP são ambas gramaticais (70-71).

- (70) a. *Tyalimwa wa-kupul-a* ***Katumbu*** *etali*.
 Tyalimwa CS1.PSD-atirar-VF Katumbu 5.pedra
- b. *Tyalimwa wa-kupul-a* *etali* ***Katumbu***
 Tyalimwa CS1.PSD-atirar-VF 5.pedra Katumbu
- Ambas: ‘*Tyalimwa* atirou uma pedra a *Katumbu*.’
- (71) a. *Tyalimwa wa-kupul-a* *etali* ***ku*** ***Katumbu***.
 Tyalimwa CS1.PSD-atirar-VF 5.pedra LOC Katumbu
- b. *Tyalimwa wa-kupul-a* ***ku*** ***Katumbu*** *etali*.
 Tyalimwa CS1.PSD-atirar-VF LOC Katumbu 5.pedra
- Ambas: ‘*Tyalimwa* atirou uma pedra a *Katumbu*.’

³⁰ Note-se, no entanto, que a CDO com verbos cuja forma não derivada requer a CDP pode ser despoletada através de derivação causativa ou applicativa (cf. (i)). No caso de *okutuala*, em particular, verifica-se que o olutyipungu é uma variedade que mostra que a extensão applicativa é recursiva, tal como acontece em algumas outras línguas bantu (por exemplo, o tswana, de acordo com Cole 1955).

(i) *Tyalimwa wa-tua-il-a* *Katumbu/*oluii* *ongombe*
 Tyalimwa CS1.PSD-levar-APL-VF Katumbu/*9.rio 9.boi
 ‘*Tyalimwa* levou o boi a *Katumbu/ao rio*.’

(ii) *Tyalimwa wa-tua-il-il-a* *ongombe* *Katumbu/*oluii*.
 Tyalimwa CS1.PSD-levar-APL-APL-VF 9.boi Katumbu /*9.rio
 ‘*Tyalimwa* levou consigo o boi a *Katumbu/ao rio*.’

Existe, no entanto, uma diferença fundamental na interpretação destas frases, relacionada com a intencionalidade da ação. A estrutura em (70), na CDO, implica que se trata de uma ação acidental, que não teve como objetivo atingir o Alvo (*Katumbu*), ao passo que a estrutura com o locativo *ku* revela a intencionalidade de acertar no Alvo.

Alvos [-ANIM], por outro lado, ocorrem obrigatoriamente na CDP (72).

- (72) a. *Tyalimwa wa-kupul-a* *ongombe* ***k'oluii***
 Tyalimwa CS1.PSD-atirar-VF 9.boi LOC.9.rio
 ‘Tyalimwa atirou o boi ao rio.’
- b. *Tyalimwa wa-kupul-a* ***k'oluii*** *ongombe*
 Tyalimwa CS1.PSD-atirar-VF LOC.9.rio 9.boi
 ‘Tyalimwa atirou o boi ao rio.’

Note-se que *okukupula* ‘atirar, jogar, arremessar’ é também distinto dos outros verbos descritos pelo facto de admitir a CDO com dois objetos [-ANIM], dos quais o NP adjacente ao verbo é interpretado como Tema e o NP mais à direita como Alvo (cf. (73.a)). Note-se que a ordem invertida é apenas aceitável em contexto, nomeadamente se for um brinquedo (comboio) que é atirado contra uma pedra ou montanha (cf. (73.b)). Tipicamente, quando se usa a ordem invertida, os falantes preferem a CDP (cf. (72.a)).

- (73) a. *Tyalimwa wa-kupul-a* *emanyã* ***omboyo***.
 Tyalimwa CS1.PSD-atirar-VF 5.pedra 9.comboio
- b. *Tyalimwa wa-kupul-a* ***omboyo*** *emanyã*.
 Tyalimwa CS1.PSD.atirar-VF 9.comboio 5.pedra
 Ambas: Lit. ‘Tyalimwa atirou o comboio à pedra.’

Relativamente ainda ao verbo *okukupula*, além de o Locativo ser introduzido pela preposição *ku*, as preposições locativas *pa* (classe 16) e *mu* (classe 18), discutidas no Capítulo 3 também podem subcategorizar Alvos (cf. (74-75)). A diferença semântica entre os exemplos é visível pelo contexto em que podem ocorrer, que é apresentado abaixo.

- (74) a. *Tyalimwa wa-kupul-a ongombe p’oluii.*
 Tyalimwa CS1.PSD-atirar-VF 9.boi LOC.9.rio
- b. *Tyalimwa wa-kupul-a p’oluii ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-atirar-VF LOC.9.rio 9.boi
- Ambas: ‘Tyalimwa atirou o boi para o rio.’
 (contexto: o boi está morto e Tyalimwa decide atirá-lo ao rio)
- (75) a. *Tyalimwa wa-kupul-a ongombe m’oluii.*
 Tyalimwa CS1.PSD-atirar-VF LOC.9.rio 9.boi
- b. *Tyalimwa wa-kupul-a m’oluii ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-atirar-VF LOC.9.rio 9.boi
- Ambas: ‘Tyalimwa atirou o boi para dentro do rio.’
 (contexto: ambos estão à beira do rio e Tyalimwa decide atirar o boi para dentro da água)

Na secção seguinte, analisaremos, do ponto de vista da pronominalização dos objetos, os dados apresentados nesta secção.

4.3.2. Pronominalização

Os exemplos seguintes ilustram a pronominalização dos objetos com os verbos do tipo *non-core dative okutumifa* ‘mandar/enviar’, *okutuala* ‘levar’ e *okukupula* ‘atirar, jogar, arremessar’, apresentados na secção anterior.

O verbo *okutumifa* ‘mandar/enviar’, quando seleciona um Alvo, segue as propriedades que observámos em relação aos *core datives*, nomeadamente a possibilidade de prefixar ou o Tema ou o Recipiente e apenas o Recipiente em casos de dupla pronominalização. Neste último caso, tal como no caso dos *core datives*, o Tema é sufixado ao complexo verbal como índice de objeto.

- (76) a. *Tyalimwa we-i-tum-if-a* *Katumbu.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-enviar-CAUS-VF Katumbu
 ‘Tyalimwa mandou/enviou-**o** a Katumbu (= o boi)’
- b. *Tyalimwa we-mu-tum-if-a* *ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO1-enviar-CAUS-VF 9.boi
 ‘Tyalimwa mandou/enviou-**lhe** o boi. (= a Katumbu)’
- c. *Tyalimwa we-mu-tum-if-a-yo.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO1-enviar-CAUS-VF-IO9
 ‘Tyalimwa mandou/enviou-**lho**. (=o boi a Katumbu)’

Quando uma entidade coletiva é interpretada como Recipiente (*e.g., ekongelo*), vimos, na secção anterior, que o verbo *okutumifa* ocorre na CDO.

- (77) a. *Tyalimwa we-li-tum-if-a* *ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO5-enviar-CAUS-VF 9.boi
 ‘Tyalimwa mandou/enviou-**lhe** o boi’. (= à congregação)
- b. *Tyalimwa we-i-tum-if-a* *ekongelo.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-enviar-CAUS-VF 5.congregação
 ‘Tyalimwa mandou-**o** à congregação’ (= o boi)
- c. *Tyalimwa we-li-tum-if-a-yo.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO5-enviar-CAUS-VF-IO9
 ‘O Tyalimwa mandou-**lho**.’ (= o boi à congregação)

Na interpretação locativa, veiculada pela CDP (cf. secção anterior), por outro lado, a prefixação do locativo (*k’ekongelo*) não é legitimada, sendo necessário a sufixação do locativo *-ko* na posição pós-verbal.

- (78) a. *Tyalimwa wa-tum-if-a-ko* *ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-enviar-CAUS-VF-LOC 9.boi
 ‘Tyalimwa mandou **lá** o boi’. (= para a congregação)
- b. *Tyalimwa we-i-tum-if-a* *k’ekongelo.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-enviar-CAUS-VF LOC.5.congregação
 ‘Tyalimwa mandou-**o** para a congregação’ (= o boi)
- c. *Tyalimwa we-i-tum-if-a-ko.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-enviar-CAUS-VF-LOC
 ‘O Tyalimwa mandou-**o lá**’. (= o boi para a congregação)

A interpretação locativa, que ocorre com objetos [\pm ANIM], com o verbo *okutuala* ‘levar’, nos exemplos seguintes, induz a sufixação com *-ko*, tal como observámos com os verbos discutidos anteriormente.

- (79) a. *Tyalimwa we-i-tual-a* *ku Katumbu.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-levar-VF LOC Katumbu.
 ‘Tyalimwa levou-**o** para Katumbu’ (= o boi)
- b. *Tyalimwa wa-tual-a-ko* *ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-levar-VF-LOC 9.boi
 ‘Tyalimwa levou o boi **lá**.’ (= o lugar onde está Katumbu)
- c. *Tyalimwa we-i-tual-a-ko.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-levar-VF-LOC
 ‘Tyalimwa levou-**o lá**.’ (= o boi ao lugar onde está Katumbu)
- (80) a. *Tyalimwa we-i-tual-a* *k’oluii.*
 Tyalimwa CS1.MO9-levar-VF LOC.9.rio
 ‘Tyalimwa levou-o para o rio.’ (= o boi)
- b. *Tyalimwa wa-tual-a-ko* *ongombe.*
 Tyalimwa CS1.PSD-levar-VF-LOC 9.boi
 ‘Tyalimwa levou **lá** o boi.’ (= para o rio)
- c. *Tyalimwa we-i-tual-a-ko.*
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-levar-VF-LOC
 ‘Tyalimwa levou-**o lá**.’ (= o boi para o rio)

Por fim, o verbo *okukupula* ‘atirar, jogar, arremessar’ apresenta uma distinção semelhante entre Alvos [+ANIM] (81) e [-ANIM] (82), que se expressa da mesma forma que nos exemplos anteriores, isto é, com prefixação ou sufixação, porém sem recorrer a extensões verbais. Note-se ainda que, em (81), de acordo com o que observámos na secção anterior, a interpretação pode ser de atirar intencionalmente ou acidentalmente, isto é, sem querer atingir o Alvo (aqui *Katumbu*).

- (81) a. *Tyalimwa we-li-kupul-a* (ku) *Katumbu*.
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-atirar-VF LOC Katumbu.
 ‘Tyalimwa atirou-**a** a Katumbu’ (= uma pedra)
- b. *Tyalimwa we-mu-kupul-a-yo* *ongombe*.
 Tyalimwa CS1.PSD-MO1-atirar-VF-IO9 9.boi
 ‘Tyalimwa atirou-**lhe** o boi.’ (= a Katumbu)
- c. *Tyalimwa we-mu-kupul-a-yo*.
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-atirar-VF-IO9
 ‘Tyalimwa atirou-**lha**.’ (= uma pedra a Katumbu)
- (82) a. *Tyalimwa wa-kupul-a* *ongombe k’oluii*.
 Tyalimwa CS1.PSD-atirar-VF 9.boi LOC. 9.rio
 ‘Tyalimwa atirou o boi ao rio.’
- b. *Tyalimwa wa-kupul-a-ko* *ongombe*.
 Tyalimwa CS1.PSD-atirar-VF-LOC 9.boi
 ‘Tyalimwa atirou o boi **para lá**.’ (= para o rio)
- c. *Tyalimwa we-i-kupul-a-ko*.
 Tyalimwa CS1.PSD-MO9-atirar-VF-LOC
 ‘Tyalimwa atirou-**o para lá**.’ (= o boi para o rio)

Os dados da pronominalização dos objetos de *non-core dative verbs*, nomeadamente a sufixação com *-ko*, confirmam que os Alvos são analisados como Locativos, exceto no caso de *okukupula* ‘atirar’, que, quando ocorre na CDO, permite a prefixação do Alvo. Verificámos também que a legitimação de prefixação do Alvo com esta classe de verbos pode obrigar ao uso de uma extensão verbal, causativa ou applicativa.

4.3.3. Passivização

Os exemplos que se seguem mostram que é legitimada a passivização em que são promovidos a sujeito da passiva o Alvo [+ANIM] e o Tema dos verbos *non-core dative* que têm sido objeto de análise.

- (83) a. **Katumbu** *wa-tum-if-w-a* *ongombe* (*na T.*).
Katumbu CS1.PSD-enviar-CAUS-PASS-VF 9.boi PREP T.
Lit. ‘Katumbu foi mandada/enviada um boi (por Tyalimwa).’
- b. **Ongombe** *ya-tum-if-w-a* *Katumbu* (*na T.*).
9.boi CS9-enviar-CAUS-PASS-VF Katumbu PREP T.
‘Um boi foi mandado/enviado a Katumbu (por Tyalimwa).’

Veja-se que, no caso do verbo *okutuala* ‘levar’, que apenas admite a CDP, o Recipiente promovido a sujeito da passiva requer a presença da preposição *ku*.

- (84) a. **Ku** **Katumbu** *kwa-tual-w-a* *ongombe* (*na T.*).
LOC Katumbu CS17.PSD-levar-PASS-VF 9.boi PREP T.
Lit. ‘Para Katumbu foi levada um boi (por Tyalimwa).’
- b. **Ongombe** *ya-tual-w-a* *ku Katumbu* (*na T.*).
Ongombe CS5.PSD-levar-PASS-VF LOC Katumbu PREP T.
Lit. ‘O boi foi levado a Katumbu (por Tyalimwa).’
- (85) a. **Ku** **Katumbu** *kwa-kupul-w-a* *ongombe* (*na T.*).
LOC Katumbu CS17.PSD-atirar-PASS-VF 9.boi PREP T.
Lit. ‘A Katumbu foi atirada um boi por Tyalimwa.’
- b. **Ongombe** *ya-kupul-w-a* *ku Katumbu* (*na T.*).
Ongombe CS5.PSD-atirar-PASS-VF LOC Katumbu PREP T.
Lit. ‘O boi foi atirado a Katumbu por Tyalimwa.’

Na secção seguinte, faremos um breve sumário do capítulo e sistematizaremos os dados discutidos numa tabela.

4.4. Sumário

Neste capítulo discutimos a tipologia de verbos que ocorrem nas construções ditransitivas do olutyipungu, tendo por base a distinção entre *core dative verb* vs. *non-core dative verb* (Rappaport-Hovav & Levin 2008), bem como o papel da animacidade do Recipiente/Alvo e do Tema, a sua ordem sintática, a pronominalização e a passivização.

Como vimos, o olutyipungu admite as duas ordens de palavras, sendo a ordem Verbo-Recipiente-Tema a ordem não marcada na CDO. A ordem em que o Tema ocorre adjacente ao verbo é determinada por questões de estrutura informacional, sendo legitimada quando toda a frase constitui informação nova, independentemente do traço de animacidade dos objetos e do tipo de verbo envolvido. A ordem não marcada das estruturas na CDP, introduzido pela preposição locativa *ku~k'* por outro lado, é a ordem Verbo-Tema-LOC.Recipiente/Alvo.

Relativamente ao traço de animacidade, os dados mostram que a CDO ocorre tipicamente com Recipientes [+ANIM] e que a CDP ocorre de forma generalizada, com Alvos [±ANIM], conforme predito pela distinção entre *core* e *non-core dative verbs*, proposta por Rappaport-Hovav & Levin (2008). O verbo *okuihã* 'dar', o prototípico da classe dos *core dative verbs*, destaca-se, contudo, dos restantes verbos, por só admitir a CDO com Recipientes [+ANIM] e a CDP com Alvos [-ANIM]. Recorde-se que a CDO com Recipientes [-ANIM] com nomes como 'congregação' só é possível porque estes designam uma entidade composta por elementos com o traço [+HUM]. Além disso, os verbos *okuaandja* 'distribuir, servir' e *okueeka* 'entregar, distribuir', da classe dos *core dative verbs*, e o verbo *okutuala* 'levar', da classe dos *non-core dative verbs*, destacam-se dos demais, por não admitirem a CDO, independentemente do traço de animacidade.

Os dados discutidos para a pronominalização mostram tanto o Recipiente como Tema pronominalizam mediante um prefixo pré-verbal que concorda com a classe nominal do nome. Além disso, apresentam a seguinte hierarquia temática: Recipiente > Tema > Locativo, uma vez que, quando pronominalizados simultaneamente, o Recipiente ocorre numa posição proeminente, sendo prefixado ao radical do verbo, e o Tema ocupa a posição pós-final (sufixação ao complexo verbal). Contudo, quando Tema e Recipiente apresentam ambos o traço [+HUM], esta hierarquia é a inversa, nomeadamente Tema [+HUM] > Recipiente [+HUM]. Por outro lado, quando envolvido um Alvo (locativo), este ocorre sempre numa posição de sufixação ao

complexo verbal. Este padrão é observado tanto para os *core* como para os *non-core dative verbs*.

Por fim, no que respeita à passivização, os dados mostram que, independentemente do verbo, o olutyipungu é uma língua que apresenta simetria entre os dois objetos, uma vez que tanto o Recipiente como o Alvo [+ANIM] podem ocorrer na posição de sujeito da passiva, desencadeando a concordância de sujeito no complexo verbal. Além disso, o olutyipungu admite a ocorrência do *by-phrase*, nesta língua introduzido pela preposição comitativa *na*, que expressa o agente da passiva. Como vimos anteriormente, e recuperamos na tabela abaixo, além da extensão passiva *-w*, os verbos *okutumifa* ‘mandar/enviar’ requer o uso da extensão causativa (*-if*). A mesma extensão é requerida com o mesmo verbo em contexto de pronominalização do Recipiente.

A tabela seguinte sintetiza os dados das construções ditransitivas do olutyipungu analisados neste capítulo.

Tabela 5 – Distribuição dos verbos por variável gramatical.

		CDO		CDP		Pronominalização		Passivização Recipiente/Tema
		[+Hum]	[-Hum]	[+Hum]	[-Hum]	Recipiente/Tema	Alvo (locativo)	
Core dative verbs	<i>okuihã</i> 'dar, oferecer'	√	(√)	X	√	prefixo pré-radical	<i>sufixo -ko</i>	ext. passiva -w-
	<i>okuaandja</i> 'distribuir, servir'	X	X	√	√		<i>sufixo -ko</i>	ext. passiva -w-
	<i>okueeka</i> 'entregar, distribuir'	X	X	√	√		<i>sufixo -ko</i>	ext. passiva -w-
	<i>okutambeka</i> 'entregar'	√	(√)	√	√		<i>sufixo -ko</i>	ext. passiva -w-
Non-core dative verbs	<i>okutumifa</i> 'mandar/enviar'	√	X	√	√	prefixo pré-radical	<i>sufixo -ko</i>	+ ext. passiva -w-
	<i>okutuala</i> 'levar'	X	X	√	√	prefixo pré-radical	<i>sufixo -ko</i>	+ ext. passiva -w-
	<i>okukupula</i> 'atirar, jogar, arremessar'	√	X	√	√	prefixo pré-radical	<i>sufixo -ko</i>	ext. passiva -w-

5. Considerações finais

5.1. Síntese dos resultados

Tendo em conta os objetivos propostos no início do nosso trabalho, analisámos e discutimos a estrutura morfossintática do olutyipungu, uma língua do grupo etnolinguístico olunyaneka-nkhumbi, falada no município de Quipungo, província da Huila, dando especial atenção às construções ditransitivas.

Trata-se de uma investigação pioneira, uma vez que desconhecemos a existência de estudos sobre esta variedade específica, o que contrasta com os trabalhos sobre as línguas olunyaneka, olunkhumbi, umbundu e oshikwanyama ou sobre outros grupos etnolinguísticos do sul de Angola.

Os resultados desta investigação revelam que o olutyipungu é uma variedade com uma estrutura nominal que se assemelha às demais variedades da zona R, uma vez que quase todas usam o aumento (o-), nos seus prefixos de classe nominal, além de que a coabitação linguística entre variedades faladas no município de Quipungo influenciou o enriquecimento da estrutura nominal do olutyipungu. Além disso, o olutyipungu apresenta uma morfologia verbal que, genericamente, segue o padrão típico das línguas bantu.

O nosso estudo permite-nos formular as seguintes generalizações sobre a morfologia nominal e verbal do olutyipungu:

- a) possui características distintivas das variedades à sua volta, nomeadamente o olunyaneka, apesar das grandes semelhanças;
- b) exhibe 9 prefixos para o singular, 5 para o plural, 1 pré-prefixo de classe nominal para formar diminutivos e 3 locativos;
- c) apresenta uma classe 1a, subclasse da classe 1, que se caracteriza por um morfema \emptyset ;
- d) o prefixo nominal da classe 4 é vazio, ou seja, a classe 3 (*omu-*) faz o plural na classe 8 (*ovi-*);
- e) o prefixo de classe nominal 12 (*oka-*) opera como um pré-prefixo que serve para caracterizar o diminutivo dos nomes de todas as classes nominais, exceto os locativos;
- f) o prefixo de classe 15 (*oku-*), para além de servir para caracterizar os verbos no infinitivo, também caracteriza os nomes deverbais e as partes de corpos que formam pares; além disso, o seu emparelhamento realiza-se por meio da junção de prefixos, para realizar o plural dos prefixos de classe nominal;

- g) os locativos *pu-*, *ku-* e *mu-* exprimem a ideia de proximidade, distanciamento e de interioridade;
- h) apresenta um prefixo de aumento *-o*, que se associa à larga maioria dos prefixos de classe nominal, sendo omitido apenas em contextos específicos;
- i) tal como em outras línguas bantu, a semântica das classes nominais é apenas parcialmente transparente, com maior transparência relativamente às classes 1 e 2 (seres humanos), a classe 15 (infinitivos), 12 (diminutivos) e 16, 17, 18 (locativos);
- j) a morfologia verbal obedece sempre à mesma estrutura, apesar dos processos de fusão morfológica e de harmonia vocálica entre morfemas adjacentes que se verificam: NEG–CS–TMA–MO–RADICAL–EXT–VF/PRF–PF.
- k) na estrutura da flexão verbal, os morfemas de negação, concordância de sujeito, tempo-modo-aspeto, (concordância de) objeto ou reflexo ocupam sempre a posição à esquerda do radical; a vogal final e o sufixo perfectivo coocorrem na mesma posição pós-radical e constituem morfemas flexionais à direita do radical.
- l) as extensões verbais ocorrem entre o radical do verbo e a vogal final/sufixo perfectivo, quando se trata de morfemas derivacionais; a posição pós-final (PF) está reservada para morfemas de índice de objeto e sufixos locativos.

Quanto às construções ditransitivas, e tendo como base a distinção entre *core dative verb* vs. *non-core dative verb* (Rappaport-Hovav & Levin 2008), o papel da animacidade do Recipiente/Alvo e do Tema, bem como a ordem sintática dos constituintes, o nosso estudo permite-nos extrair as seguintes conclusões sobre o olutyipungu:

- a) admite duas ordens de palavras, sendo a ordem Verbo-Recipiente-Tema a ordem não marcada na CDO. A ordem inversa (Verbo-Tema-Recipiente) é determinada por questões de estrutura informacional;
- b) exhibe dois tipos de construção ditransitiva, a construção de duplo objeto (CDO) e a construção ditransitiva preposicionada (CDP), cuja ocorrência está dependente do tipo de verbo e do traço de animacidade do Recipiente/Alvo;

- c) na CDP, o Alvo é introduzido pela preposição locativa *ku~k'* e obedece à ordem Verbo-Tema-LOC.Recipiente/Alvo;
- d) a CDO ocorre tipicamente com Recipientes [+ANIM] e a CDP ocorre de forma generalizada, com Alvos [±ANIM];
- e) o verbo *okuihã* 'dar', o prototípico da classe dos *core dative verbs*, é excecional por apenas admitir a CDO com Recipientes [+ANIM] e a CDP com Alvos [-ANIM] (recorde-se que a CDO com Recipientes [-ANIM] com nomes como 'congregação' só é possível porque estes designam uma entidade composta por elementos com o traço [+HUM]);
- f) os verbos *okuaandja* 'distribuir, servir' e *okueeka* 'entregar, distribuir', da classe dos *core dative verbs*, e o verbo *okutuala* 'levar', da classe dos *non-core dative verbs*, distinguem-se dos demais, por não admitirem a CDO, independentemente do traço de animacidade.

Por sua vez, no que respeita à pronominalização, os dados analisados mostram que o *olutyipungu*:

- a) admite a pronominalização tanto do Recipiente como do Tema, mediante um prefixo pré-verbal que concorda com a classe nominal do nome;
- b) apresenta a seguinte hierarquia temática canónica: Recipiente > Tema > Locativo, uma vez que, quando pronominalizados simultaneamente, o Recipiente ocorre numa posição proeminente, sendo prefixado ao radical do verbo, e o Tema corresponde ao índice de objeto, ocupando a posição pós-vogal final (sufixação ao complexo verbal); pode apresentar uma hierarquia temática inversa, nomeadamente Tema [+HUM] > Recipiente [+HUM], quando Tema e Recipiente apresentam o traço [+HUM]; quando envolvido um Alvo (locativo), este ocorre sempre numa posição de sufixação ao complexo verbal sob a forma do índice de objeto. Este padrão é observado tanto para os *core* como para os *non-core dative verbs*;

Por fim, no que concerne à passivização, os dados do *olutyipungu* mostram que:

- a) independentemente do verbo, o *olutyipungu* é uma língua que apresenta simetria entre os dois objetos, uma vez que tanto o Recipiente como o Alvo [+ANIM] podem ocorrer na posição de sujeito da passiva, desencadeando a concordância de sujeito na estrutura verbal;

- b) o olutyipungu admite a ocorrência (opcional) do *by-phrase*, nesta língua introduzido pela preposição comitativa *na*, que expressa o agente da passiva;

Não obstante este estudo nos tenha permitido chegar a estas conclusões sobre o olutyipungu, algumas questões ficaram ainda por responder e muito trabalho por realizar, no sentido de melhor descrever e compreender o funcionamento do olutyipungu. Na secção seguinte, apresentaremos algumas propostas de trabalho futuro.

5.2. Investigação futura

Este trabalho abre horizontes para investigação futura sobre as línguas africanas, a qual considero ser um terreno virgem, atendendo às múltiplas línguas que se encontram no anonimato, por serem ágrafas. Por essa razão, o grande desafio é o de explorar as variedades de cada grupo etnolinguístico de Angola, uma vez que, os grupos etnolinguísticos, por si só, não dão conta da variação interlinguística de cada variedade. O nosso estudo é exemplo disso, uma vez que muitos dos falantes com quem discutíamos dados não se assumiam como ovanyaneka ‘falantes do olunyaneka’, mas sim como falantes do olutyipungu, pois cada povo preserva a sua própria entidade cultural que é a língua.

No que respeita ao olutyipungu, em particular, este estudo não esgotou o tratamento dos tópicos em análise. Na verdade, é preciso dar continuidade ao estudo das construções ditransitivas com estes e outros verbos da língua, no sentido de perceber, entre outros aspetos, o papel das extensões aplicativas na CDO e na CDP, nomeadamente na legitimação de Beneficiários de diferentes tipos.

Os desafios que se levantam são e serão sempre os de procurar proteger as línguas minoritárias, sobretudo porque muitas delas se encontram ameaçadas. Além disso, os governos atuais, através de programas gizados pelo Ministério da Educação, estão empenhados na criação de estratégias de implementação da inserção das línguas no sistema de ensino. Para que este desiderato se concretize, é necessário que se criem políticas incentivadoras do estudo dessas línguas. Apesar de as políticas educativas imporem que se ministre o ensino em língua portuguesa, acreditamos, todavia, que um ensino mais integrador obriga à exploração (e ao uso) das línguas nativas. Porém, para que estas sirvam de veículo do ensino que se almeja, é necessário que sejam reconhecidas como línguas e/ou variedades e que sejam objeto de estudo científico. O nosso trabalho é um contributo nesse sentido.

Referências bibliográficas

- d'Andrade, Ernesto. 2007. *Linguas Africanas, breve introdução à fonologia e à morfologia*. Lisboa: Santos.
- Araújo, Paulo Jeferson Pilar. 2013. *Domínios conceituais das construções das locativas, existenciais, comitativas e possessivas em línguas bantas*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.
- Baker, Mark. 1988. *Incorporation: A theory of grammatical function changing*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Bastin, Yvonne, Coupez, André & Mann, Michael. 1999. *Continuity and divergence in the bantu languages: perspectives from a lexicostatistic study*. Tervuren: Musée Royal de l'Afrique Centrale .
- Blois, Kornelis Frans. 1970. The augment in the Bantu languages. *Africana Linguistica* 4, 85-165.
- Brito, Ana Maria. 2014. As construções ditransitivas revisitadas: alternância dativa em português europeu? In A. Moreno, F. Silva, I. Falé, I. Pereira, & J. Veloso, *Textos selecionados do XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 103-119. Porto: APL.
- Childs, G. Tucker. 2003. *An introduction to African languages*. Amsterdam: Benjamins.
- Chimbutane, Feliciano. 2002. *Grammatical functions in Changana: Types, properties and function alternations*. Dissertação de Mestrado, The Australian National University.
- Chivambo, Albino Armando. 2012. *A locativização em citshwa*. Tese de Mestrado, Universidade Eduardo Mondlane.
- Cole, Desmond T. 1955. *An Introduction to Tswana grammar*. London: Longmans.
- Creissels, Denis. 2005. A typology of subject and object markers in African languages. In F. K. Erhard Voeltz (ed.), *Studies in African linguistic typology*, 43-70. John Benjamins.
- Cumbane, Rui Marcelino Matsimbe. 2008. *As construções de duplo objecto em Xitshwa - Repercussões em falantes do português língua não materna*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa.
- Estermann, Pe. Carlos. 1957. *Etnografia do sudoeste de Angola, grupo étnico nhanekahumbe*, Vol II. Ministério do Ultramar, Junta de Investigações do Ultramar: Memórias Série Antropológica e Etnológica .

- Estermann, Pe. Carlos. 1960. *Etnografia do sudoeste de Angola: os povos não-bantos e o grupo étnico dos ambós*, 2ª ed. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Estermann, Pe. Carlos. 1983. *Etnografia de Angola. (sudoeste e centro)*, *Colectânea de artigos dispersos*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.
- Fernandes, João & Zavoni Ntondo. 2002. *Angola: povos e línguas*. Luanda: Nzila.
- Gonçalves, Rita Margarida Gamito. 2016. *Construções ditransitivas no português de São Tomé*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Grimes. Barbara. 1996. *Ethnologue: Language of the world*, 13ª ed. Dallas: Summer Institute of Linguistics.
- Guthrie, Malcolm. 1967-1971. *Comparative Bantu. An introduction to the comparative linguistics and prehistory* (Vols. I-IV). Londres: Gregg International Publishers.
- Haspelmath, Martin 2013. Ditransitive constructions: The verb ‘give’. In Matthew Dryer & Martin Haspelmath, *The world atlas of language structures online*. Leipzig: MaxPlanck Institute for Evolutionary Anthropology (Disponível em <http://wals.info/chapter/105>).
- Hyman, Larry M. & Alessandro Duranti. 1982. On the object relation in Bantu. *Syntax and Semantic* 15, 217-239.
- Instituto Nacional de Estatística. 2014/2016. *Recenseamento Geral da população*. Luanda.
- Jordan, Linda. 2015. A comparison of five Speech varieties of southwestern Angola. Comparing oluHumbe, oluCilenge, oluKwandu, oluNgendelengo, and oluKuvale in the Kamucuío municipality, Namibe Province. SIL. Electronic Survey Report 2015-2017.
- Kambindangolo, Ezequiel. 2014. *Empréstimos lexicais do português à língua olunyane-ka*. Huíla: ISCED.Katamba, Francis (2003). Bantu nominal morphology. In D. Nurse & G. Philippson (eds.), *The Bantu languages*, 103-120. Londres, Nova Iorque: Routledge.
- Kukanda, Vatomene. 1986. *Introdução à linguística bantu*. Lubango, Huíla: Universidade Agostinho Neto-ISCED-Huíla.
- Lang, Affonso Maria. 1906. *Ensaio de gramática nyaneka, idioma fallado no districto de Huila, província de Angola*. Lisboa: Minerva Lusitana.
- Marten, Lutz & Nancy Kula. 2012. Object marking and morphosyntactic variation in Bantu. *Southern African Linguistics and Applied Language Studies* 30(2), 237-253.

- Mchombo, Sam. 2004. *The syntax of Chichewa*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Milheiros, Mário. 1967. *Notas de etnografia angolana*. Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola.
- Ngunga, Armindo. 2004. *Introdução à linguística bantu*. Maputo: Imprensa Universitária, Universidade Eduardo Mondlane.
- Ngunga, Armindo & Madalena Cítia Simbine. 2012. *Gramática descritiva de língua changana*. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) – UEM.
- Okoudowa, Bruno. 2010. *Morfologia verbal do lembaama*. Tese de Doutoramento, Universidade de São Paulo.
- Rappaport-Hovav, Malka & Beth Levin. 2008. The English dative alternation: The case for verb sensitivity. *Journal of Linguistics*, 44, 129-167.
- Redinha, José. [1962]1974. *Distribuição Étnicas de Angola*. Luanda: Instituto de investigação Científica de Angola com a colaboração do Banco de Angola.
- Santiago, Joane de Lima. 2013. Zoonímia histórico-comparativa bantu: Os cinco grandes herbívoros africanos. *Revista eletrônica Língua Viva* (Universidade Federal de Rondônia), 5, 1-317.
- Santiago, Joane de Lima. 2020. *Zoonímia histórico-comparativa: Denominações dos antílopes em bantu*. Amsterdam: LOT.
- Schadeberg Thilo. 1990. *A sketch of Umbundu*. Colónia: Rüdiger Köppe Verlag.
- Schadeberg Thilo. 2003. Derivation. In D. Nurse & G. Philippson (eds.), *The Bantu languages*, 71-89. Londres, Nova Iorque: Routledge.
- Silva, José Severino da. 1911. *Breve método da língua olunyaneka falada nas regiões da Huíla e Gambos*. Huíla: Tipografia da Missão.
- Sommer, Gabriele. 2003. Western Savana (K, R). In D. Nurse & G. Philippson (eds.), *The Bantu languages*, 566–580. Londres, Nova Iorque: Routledge.
- Van der Wal, Jenneke. 2015. *Bantu Syntax*. Oxford Handbooks Online.
- Xavier, Maria Francisca & Maria Helena Mira Mateus. 1992. *Dicionário de Termos Linguísticos*, Vol. 1. Lisboa: Edições Cosmos.
- Zeller, Jochen. no prelo. Locatives. In Lutz Marten, Nancy Kula, Ellen Hurst & Jochen Zeller (eds.), *The Oxford guide to the Bantu languages*. Oxford: Oxford University Press.